

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



GUILHERME RAMOS FERREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA DOS 2.º E 3.º CICLOS CASTRO MATOSO JUNTO DA TURMA DO 8ºB
NO ANO LETIVO DE 2013/2014**

COIMBRA

2014

GUILHERME RAMOS FERREIRA

Nº2009111722

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA
CASTRO MATOSO JUNTO DA TURMA DO 8ºB NO ANO LETIVO DE 2013/2014**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física – Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário.

Orientador FCDEF-UC: Elsa Silva

COIMBRA

2014

Ferreira, G. R. (2014). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos Castro Matoso junto da turma do 8ºB no ano letivo de 2013/2014*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Guilherme Ramos Ferreira, aluno nº 2009111722 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

26 de Maio de 2014

Guilherme Ramos Ferreira

A todos os meus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que este ano fosse repleto de experiências e aprendizagens.

Aos meus pais, pois sem o apoio e confiança deles, este trajeto não era possível.

À minha namorada, que esteve presente em todos os momentos, soube ser paciente e transmitiu-me sempre força para atingir os meus objetivos.

A todos os colegas de estágio, o Bruno Oliveira, Catarina Gomes e André Pires, pela partilha, colaboração e apoio que existiu.

À turma do 8ºB, pela experiência única que me proporcionaram ao longo de todas as aulas.

Ao professor orientador Fernando Leite, não só pela disponibilidade, partilha de conhecimentos e experiências ao longo deste ano, mas também pela responsabilidade e autonomia atribuídas. Também à professora Elsa Silva pelas críticas construtivas.

A todos eles, o meu sincero obrigado.

RESUMO

O estágio pedagógico assinala a última etapa de formação académica do professor, onde ele tem a possibilidade exercer todas as funções inerentes ao cargo de docente, sempre de uma forma orientada. Este documento representa uma reflexão profunda acerca de vários temas relativos ao ano de estágio pedagógico desenvolvido na Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos Castro Matoso, em Oliveirinha, junto da turma do 8.º B. É essencial, após este ano rico em aprendizagens, refletir sobre todo o percurso, tarefas realizadas, dificuldades encontradas e estratégias utilizadas. Numa primeira parte são descritas, de uma forma reflexiva, as atividades desenvolvidas no processo de planeamento, realização e avaliação. Posteriormente é feita uma reflexão sobre as estratégias de ensino utilizadas, dificuldades encontradas e formas de as resolver. Está também presente um tema/problema que expõem a perceção dos professores estagiários em relação à indisciplina, e a forma como estes lidaram com ela, de forma a poder adquirir mais conhecimento e experiência neste tema que tanto dificulta a vida de todos os professores.

Palavras-chaves: Estágio pedagógico. Educação física. Ensino-aprendizagem. Indisciplina. Professor estagiário

ABSTRACT

The Practicum marks the last stage of academic teacher education, where he has the possibility to exercise all the functions of the office of teacher, always in a targeted manner. This document represents a profound about various topics relating to the year practicum developed at Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos Castro Matoso in Oliveirinha along class 8.º B. It is essential after this year rich in learning, reflect on the entire route, tasks undertaken, difficulties encountered and strategies used. In the first part are described in a reflective way, the activities in the planning, implementation and evaluation process. Subsequently, discussions about the teaching strategies used, difficulties encountered and ways to overcome. It is also an issue / problem that expose the perception of student teachers regarding indiscipline, and how they deal with it, so you can acquire more knowledge and experience in this area that makes life difficult for all teachers.

Keywords: teaching internship. Physical education. Teaching and learning. Indiscipline. student teacher

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	2
2.1 EXPETATIVAS INICIAIS	2
2.2 PLANO DE FORMAÇÃO INDIVIDUAL	3
2.3 CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO	4
2.3.1 Caracterização da Escola	4
2.3.2 Caracterização da Turma	5
2.3.3 Caracterização do Grupo de Educação Física	6
3. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	7
3.1 PLANEAMENTO	7
3.1.1 Plano Anual	7
3.1.2 Unidades Didáticas	9
3.1.3 Plano de Aula	10
3.2 REALIZAÇÃO	13
3.2.1 Instrução	13
3.2.2 Gestão	15
3.2.3 Clima	16
3.2.4 Disciplina	17
3.2.5 Decisões de Ajustamento	18
3.2.6 Reflexões e observações de aula	19
3.3 AVALIAÇÃO	20
3.3.1 Diagnóstica	20
3.3.2 Formativa	21
3.3.3 Sumativa	22
3.4 PRESTAÇÃO GLOBAL DOS ALUNOS	23
3.5 APRENDIZAGENS, DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS	26
3.5.1 Formação Contínua	29
3.6 ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL	29
3.7 QUESTÕES DILEMÁTICAS	31
3.8 INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	33

4. TEMA/PROBLEMA – A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES ESTAGIÁRIOS, DA ESCOLA BÁSICA CASTRO MATOSO NO ANO LETIVO 2013/2014, EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA. COMO LIDAR?	34
4.1 INTRODUÇÃO	34
4.2 PERTINÊNCIA DO ESTUDO	35
4.3 ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	36
4.4 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	40
4.5 OBJETIVOS E LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	41
4.6 METODOLOGIA	41
4.6.1 Amostra.....	42
4.6.2 Instrumentos.....	42
4.6.3 Material	43
4.6.4 Procedimentos	43
4.6.5 Tratamento de Dados.....	44
4.7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	44
4.8 DISCUSSÃO DOS DADOS.....	54
4.9 CONCLUSÃO	57
5. CONCLUSÃO DO RELATÓRIO	58
5.1 PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA.....	58
5.2 IMPACTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA MINHA MOLDAGEM PESSOAL E PROFISSIONAL	59
6. BIBLIOGRAFIA	61
7. ANEXOS	65
7.1 PLANO ANUAL	65
7.2 QUADRO DE EXTENSÃO E SEQUÊNCIA DE CONTEÚDOS.....	67
7.3 PLANO DE AULA.....	68
7.4 GRELHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA.....	69
7.5 GUIÃO ENTREVISTA	70
7.6 ENTREVISTA PROFESSOR 1	71
7.7 ENTREVISTA PROFESSOR 2	78
7.8 ENTREVISTA PROFESSOR 3	90
7.9 CONTAGEM DOS CÓDIGOS.....	97

1. INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final de Estágio surge no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, inserido no Plano de Estudos do Mestrado em Ensino Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e pretende refletir sobre as práticas e aprendizagens adquiridas neste ano de estágio realizado na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Castro Matoso, situada em Oliveirinha, concelho de Aveiro.

O Estágio "é a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e de desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável" (Formosinho, 2001). Assume então grande importância na futura carreira como professor, pois é neste ano que o aluno assume a posição de professor e põe em prática todos os conhecimentos teóricos, numa situação real e não ideal, adquirindo uma enorme experiência à medida que as dificuldades vão surgindo e sendo ultrapassadas.

O relatório de estágio tem como finalidade apresentar as tarefas relevantes realizadas e as aprendizagens com elas adquiridas, as dificuldades também são apresentadas assim como as estratégias implementadas para as resolver. Com este propósito, o documento será estruturado em diferentes partes que caracterizarão temas específicos. No início serão abordadas as expectativas iniciais que foram apresentadas no plano de formação individual, também desde documento serão retiradas as maiores dificuldades apresentadas na altura da sua realização, assim como as estratégias na altura definidas. A inclusão desde documento tem uma grande importância pois serve de avaliação ao nosso desempenho, verificando se fomos ao encontro do que nele tracei inicialmente. Posteriormente são descritas, de uma forma reflexiva, as atividades e estratégias desenvolvidas no processo de planeamento, realização e avaliação. É também feita uma reflexão sobre as aprendizagens realizadas e estratégias utilizadas de forma a ultrapassar as dificuldades encontradas. Por último, o um tema/problema que expõem a perceção dos professores estagiários em relação à indisciplina, e a forma como estes lidaram com ela, um tema muito importante vistas as dificuldades que tivemos em gerir o controlo da turma.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 EXPETATIVAS INICIAIS

O Estágio Pedagógico é a etapa para a qual nós, alunos, nos andamos a preparar ao longo destes quatro longos anos. Antes de o começar são muitas as expectativas que criamos, muitos os pensamentos que nos passam pela cabeça, sobre diversas situações, onde nos imaginamos em prática e a tomar decisões.

Para Formosinho (2001), esta será uma "fase de prática docente acompanhada, orientada e refletida, que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz."

Por ser uma etapa tão importante é normal sentir nervosismo, pensar e sonhar com o momento, onde pomos na prática toda a teoria até hoje aprendida. O objetivo é a superação e conseguir transmitir os conhecimentos aos alunos de forma a eles evoluírem em diversos aspetos, é fazer aquilo que mais se gosta.

Para além do processo ensino-aprendizagem, neste estágio pedagógico, o fato de estar inserido no contexto da escola proporciona muitas outras aprendizagens e vivências que nos proporcionarão um enriquecimento na minha formação profissional.

O objetivo traçado na altura era aplicar todos os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa formação, assim como a aquisição de novos, através toda a interação existente num contexto real de ensino, para assim estarmos cada vez mais capazes de ultrapassar todos os problemas. Desenvolver mais competências no que diz respeito a todas as tarefas de planeamento, realização e avaliação através da reflexão crítica e consulta bibliográfica. Quanto à realização das aulas, proporcionar um bom ambiente, de respeito e gosto pela prática, onde os alunos reconheçam a importância e os benefícios das mesmas. Intervir e agir próximo dos alunos, de forma a estes evoluírem, fazendo sempre uso de uma boa comunicação.

Primordial era dar o nosso melhor, descobrir e aprender, desempenhar o cargo da melhor forma possível cooperando com todos os intervenientes.

2.2 PLANO DE FORMAÇÃO INDIVIDUAL

O Plano de Formação Individual, elaborado no início do ano letivo, determina as aprendizagens a realizar, tarefas a desempenhar e uma forma de avaliar a nossa progressão. Em conjunto com o professor orientador foram identificadas as fragilidades de desempenho e os objetivos de aperfeiçoamento, quer no planeamento, realização e avaliação. Quanto às estratégias de supervisão/formação previstas considero-as transversais a todas as fases. Este documento servirá como um instrumento de autoavaliação, verificando ao longo deste relatório se atingimos tudo aquilo a que nos propusemos inicialmente.

Quanto às fragilidades iniciais identificadas, ao nível do planeamento existia a dificuldade da escolha organizada das matérias a realizar ao longo de todo o ano. Também a escolha dos melhores exercícios era um dos nossos problemas. A forma de ultrapassar estas dificuldades era privilegiar o diálogo com o professor orientador e a pesquisa bibliográfica.

Na realização da aula, a dificuldade apresentada era o controlo da turma, os feedbacks e a gestão do tempo. A forma de aperfeiçoamento, para além da reflexão crítica, seria o uso de várias estratégias de ensino como a determinação das regras à partida para a aula, visto que quanto mais cedo se controlar a turma mais fácil é gerir as outras situações como os feedbacks e o controlo do tempo.

Na avaliação, a dificuldade definida era realizar o registo das avaliações turma, sendo ela tão grande e havendo sempre tantos elementos a avaliar. Definir o que avaliar era outra das dificuldades. A forma de ultrapassar estas dificuldades era a criação de hábitos de reflexão, dando importância a todas as formas de avaliação ao longo do ano letivo.

As estratégias de formação fixadas, algumas já acima referenciadas, passavam pela recolha de informação bibliográfica, de forma a permitir alargar os conhecimentos teóricos. Também com a realização de todas as tarefas do estágio, como observações e reflexões seria adquirida uma maior experiência, e as reuniões semanais com o núcleo de estágio, bem como a toda a interação existente com os orientadores seriam essenciais na evolução e formação como professor.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO

2.3.1 Caracterização da Escola

Ainda antes de conhecer a escola e de a visitar pela primeira vez já tinha existido uma troca de informações entre núcleo de estágio, uma vez que um dos elementos vive na zona e falou um pouco acerca do contexto, um meio pequeno e com um nível socioeconómico baixo.

O primeiro contato real foi bastante positivo, pelas condições da escola e todos os recursos que a escola dispunha, principalmente para a prática da Educação Física. O professor orientador também nos deixou à vontade na nossa apresentação, demonstrando-se acolhedor e amigável.

Quanto à escola e o seu contexto, de acordo com o projeto educativo do Agrupamento de Escolas de Oliveirinha 2013-2017, a área de influência do Agrupamento de Escolas abrange as freguesias de Oliveirinha, com 4780 habitantes (censos de 2001) e uma área de 13,66 Km².

Atualmente, e de desde 91/92, a Escola Básica Castro Matoso, ocupa as suas instalações definitivas, situadas na Rua Professora Justa Dias, em Oliveirinha. Trata-se de uma escola de tipologia C+S24, ou seja, destinada ao funcionamento de 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, e com uma capacidade prevista para 24 turmas, em regime de funcionamento normal.

A partir do ano letivo de 1999/2000, é formado o Agrupamento de Escolas de Oliveirinha que tem a sua sede na Escola Básica Castro Matoso, e integra na sua estrutura vertical jardim-de-infância (ensino pré-escolar) e escolas de 1º ciclo de diversos lugares e freguesias vizinhas da vila de Oliveirinha.

A escola encontra-se em estado de conservação razoável e em termos de instalações curriculares existem 24 espaços, que se distribuem por salas de aula, oficinas e laboratórios, uma biblioteca e uma sala de TIC.

Relativamente a instalações ditas complementares, existem espaços específicos para as funções de gestão e administrativas, nomeadamente, Gabinete da Direção Executiva, secretaria, SASE, PBX, refeitório, bar, reprografia e papelaria. Existem ainda instalações gerais para o convívio de alunos, pessoal docente e não docente, gabinete médico, um gabinete para os Diretores de Turma e, ainda, um

gabinete para a psicóloga. Possui ainda um pavilhão desportivo com campos desportivos anexos.

Tendo em conta o meio socioeconómico, os estabelecimentos de ensino do Agrupamento de Escolas de Oliveirinha integram-se numa zona essencialmente agrícola, sendo de referir, no entanto, a existência de algumas indústrias de metalomecânica, de transformação de madeiras, cerâmica e construção civil.

A principal ocupação dos pais dos alunos que frequentam o Agrupamento encontra-se nos sectores secundário e terciário, sendo a agricultura encarada como uma segunda ocupação com vista a equilibrar o orçamento familiar.

2.3.2 Caracterização da Turma

Para uma melhor caracterização da turma são utilizados os dados obtidos nos questionários, construídos pelo núcleo de estágio e realizados no início do ano.

A turma é constituída por 26 elementos no total, sendo 13 raparigas e 13 rapazes. Grande parte dos alunos tem 12 e 13 anos, exceção feita a uma aluna, que tem 14, pois ficou retida um ano. Os Encarregados de Educação dos alunos são os seus pais, sendo que as mães são quem mais se ocupa desse cargo. Quanto às suas profissões são variadas, onde apenas dois os Encarregados de Educação que estão atualmente no desemprego.

O dispêndio de tempo dos alunos no trajeto casa-escola na maior parte das vezes não excede os 10 minutos e o meio de transporte é normalmente o carro, havendo ainda alunos que vão de autocarro, bicicleta ou a pé.

A maior parte dos alunos passa os seus tempos livre maioritariamente a ver televisão ou na internet. Alguns alunos, poucos, referem ter de ajudar nas tarefas domésticas. Ler, passear, praticar desporto e videojogos também são formas de ocupar os tempos livres mas ainda que em menos quantidade de tempo.

No que diz respeito à saúde dos alunos, existem apenas 3 alunos que merecem atenção, pois 2 deles têm asma e 1 tem um sopro no coração.

Todos os alunos afirmam, no questionário, que gostam de praticar desporto, já quando questionados acerca do gosto pela escola, 4 alunos referem não gostar dela.

A maior parte dos alunos, 17 no total, não pratica nenhuma modalidade desportiva. Futebol é a modalidade mais praticada pelos alunos na turma mas apenas por 4 alunos.

Quanto à modalidade preferida, o futebol e o basquetebol são as que alunos preferem. Andebol e voleibol são também modalidades onde têm dificuldades.

No início do ano foram também realizados uns testes sociométricos que permitem verificar como estão as relações sociais na turma, reconhecer os líderes e identificar os alunos que, por algum motivo, estão marginalizados. Dão também a conhecer as redes sociais: conjuntos específicos de ligações entre um determinado conjunto de indivíduos, uma informação útil que ajuda a prever interações entre os alunos.

Logo no início do ano, a quando da realização da avaliação diagnóstica, foi possível vislumbrar que a turma é bastante heterogénea no que diz respeito à Educação Física.

2.3.3 Caracterização do Grupo de Educação Física

O Departamento de Expressões é constituído por diversos grupos, sendo um deles o Grupo de Educação Física. Este grupo é composto por 4 professores e 4 estagiários. Dos 5 professores que compõem o Grupo de Educação Física, a professora Lúcia Rocha e o Professor José Carlos lecionam o 2º ciclo, o 3º Ciclo está ao encargo do Professor Fernando Leite e do Professor José Teixeira. A professora Lúcia é responsável pelo Desporto Escolar.

Por fim o Núcleo de Estágio, composto pelos Professores estagiários Guilherme Ferreira, André Pires, Bruno Oliveira e Catarina Gomes, está encarregue das turmas do Professor Fernando Leite (3º Ciclo).

3. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1 PLANEAMENTO

“A previsão de todas as etapas do trabalho escolar e a programação de todas as atividades, de forma que o ensino se torne eficaz, seguro e económico.”

Faria Jr. (1972)

O planeamento é uma das fases mais importantes do processo ensino-aprendizagem, pois é neste que prevemos fragilidades, e se delineiam estratégias importantes para o desenvolvimento e bom funcionamento das aulas de Educação Física. O planeamento não se cinge simplesmente ao nível da aula, mas também ao nível da unidade didática e nível anual.

É um instrumento importantíssimo, que facilita a nossa tomada de decisão, como afirma Clark (1983), *cit in* Piéron (1999), é “um processo psicológico fundamental no qual cada um visualiza o futuro, faz o inventário dos fins e meios e constrói um quadro para guiar a sua ação futura”.

Durante o estágio pedagógico foi dada a esta planificação a importância que lhe é exigida, realizando o Plano Anual, Unidades Didáticas e Planos de Aula.

3.1.1 Plano Anual

“A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino (...)”

(Bento, 1987)

A realização deste documento teve como base diversos documentos oficiais, alguns relativos à escola em si, como o Projeto Educativo de Escola, e documentos nacionais como o Programa Nacional de Educação Física.

Este tipo de planeamento é muito extenso e contém muita informação, sendo que algumas das partes constituintes deste planeamento foram realizadas em

conjunto com todos os elementos do núcleo de estágio, como a caracterização da escola e do seu meio envolvente, o inventário de material, entre outros. Outras partes do documento estão diretamente ligadas à turma, e foram apenas realizadas por mim, apesar de serem sempre tiradas algumas dúvidas com o núcleo de estágio. Essas tarefas como a caracterização da turma e plano anual em si, ou seja, a distribuição das matérias ao longo do ano (anexo 7.1), foram tarefas mais trabalhosas, não tão burocráticas ou de compilação de informação, e por isso mais importantes, a nosso ver, no que diz respeito à posterior prática.

Na caracterização da turma, o grupo de estágio foi um pouco mais além, realizando também um teste sociométrico, que apesar do meu ceticismo em relação à ferramenta, que foi muito trabalhosa, trouxe resultados esclarecedores no que diz respeito às relações entre os alunos da turma, aos seus grupos e as exclusões principalmente.

Quanto às matérias a abordar neste ano letivo, elas já tinham sido previamente determinadas, sendo que o núcleo de estágio foi poupado a esta tarefa sempre complicada.

Uma decisão importante tomada aquando da realização deste planeamento foi a realização de todas as avaliações diagnósticas logo no início do ano letivo, de forma perceber em que situação se encontrava a turma na respetiva matéria, para assim definir as melhores estratégias, assim como a longevidade das unidades didáticas.

A calendarização foi a tarefa mais complicada, pois distribuir logo toda a matéria pelas aulas disponíveis ao longo dos períodos, por uma melhor ordem, numa altura tão prematura provoca sempre hesitações. É claro que o roulement foi um dos documentos mais importantes na realização desta planificação anual, documento este que não foi realizado pelo núcleo de estágio. Apesar de tudo, este planeamento foi realizado sob uma perspetiva aberta, ou seja, havendo liberdade para ser adaptada com o desenrolar do ano letivo.

Como foi o primeiro a ser realizado as dúvidas e incertezas eram algumas, mas em conjunto com o núcleo de estágio elas foram ultrapassadas. Certo é que este planeamento se tornou uma mais-valia pois quando terminado os conhecimentos sobre a realidade que nos rodeava eram maiores e sentimo-nos assim mais seguros nos próximos passos a dar.

3.1.2 Unidades Didáticas

“As unidades didáticas são partes fundamentais do programa de uma disciplina, na medida que apresentam quer aos professores quer aos alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem”
(Bento, 1987)

Mais uma vez este documento serve de guia, que orienta o processo de ensino-aprendizagem, pois contém informações como conteúdos técnicos ou táticos, regras, progressões pedagógicas, objetivos e metodologias que serão importantíssimos na abordagem de cada modalidade, onde o objetivo primordial é a evolução do desempenho do aluno da forma mais adequada.

Uma vez que no plano anual tinham sido definidas quais as matérias e quando seriam abordadas ao longo do ano é agora necessário ir mais além e distribuir os conteúdos a serem abordados de uma forma sequencial e lógica, de acordo com o nível da turma (anexo 7.2).

Como já foi referido, foi importante realizar a avaliação diagnóstica, para determinar o nível de desempenho da turma, pois só depois disto é que se devem definir os objetivos e a forma como irão ser atingidos, ou seja, as estratégias. Assim, existiram unidades didáticas que foram mais longas porque os alunos tinham diversas dificuldades e era necessário uma maior exercitação, como foi o caso do voleibol, ou umas que foram menores, não por os alunos atingirem os objetivos mais cedo, mas sim porque evidenciavam muitas dificuldades e não era pertinente ir mais além, como o caso ginástica de solo, onde a rodada não foi abordada, apesar de constar no plano anual, optando assim por aproveitar as aulas para exercitar e consolidar os outros elementos gímnicos. Sempre que era pertinente e benéfico para a aprendizagem da turma foram retirados alguns conteúdos, pois para além deste exemplo da ginástica de solo, foi retirada da patinagem a patinagem para trás, assim como o contra-ataque no andebol, uma vez que os alunos ainda não possuíam competências básicas para adquirirem estas. De fato o programa nacional de educação física revela-se demasiado ambicioso.

Uma turma pode ser boa numa determinada modalidade mas ter muitas dificuldades numa outra, o mesmo pode acontecer com alguns alunos. Quer isto dizer que cada unidade didática é única e tem de ir ao encontro do que é a realidade da turma e dos seus alunos, servindo os seus propósitos.

O quadro de extensão e sequência de conteúdos é uma das partes constituintes da unidade didática, é também das mais importantes. Para a sua construção é necessária uma grande reflexão, pois para além do conhecimento do nível da turma é também essencial conhecer muito bem os conteúdos da modalidade, de modo a encadeá-los de uma forma lógica.

As estratégias utilizadas para atingir os objetivos também variam consoante o nível dos alunos, no caso da minha turma, como referi anteriormente, era uma turma muito heterogénea, onde em muitos casos foi necessário utilizar os grupos de nível.

Anteriormente à elaboração das unidades didáticas existia já o protótipo, construído logo no início do ano, que continha a estrutura base que todas as unidades didáticas teriam de ter, mais uma vez o trabalho de grupo se revelou fundamental nestas tarefas.

Para a construção do plano de aula, a unidade didática era sempre consultada, verificando algumas componentes críticas de algum elemento técnico ou tático, alguma regra da modalidade assim como uma melhor progressão para os alunos com mais dificuldades, daí a utilidade e importância do documento.

3.1.3 Plano de Aula

“A aula é não somente a unidade organizativa essencial, mas sobretudo a unidade pedagógica do processo de ensino. E isto porque tanto o conteúdo e a direção do processo de educação e formação, como também os princípios básicos, métodos e meios deste processo devem encontrar na aula e por meio dela a sua correta concretização”.

(Bento, 1987)

Dando continuidade ao planeamento e aos seus níveis, chega-se ao plano de aula.

Também o protótipo do plano de aula foi realizado em antemão, no início do ano, pelo núcleo de estágio, e este faz referência aos objetivos da aula, à tarefa, ao seu tempo e às suas condições de realização, também os objetivos comportamentais dos alunos estão presentes, assim como os critérios de êxito dos elementos a abordar em cada uma das tarefas (anexo 7.3). A sua estrutura tripartida, ou seja, parte inicial, fundamental e final e os seus diferentes objetivos estiveram sempre presentes. A parte

inicial visa preparar os alunos para a prática conseqüente e para atingir isso foram sempre escolhidos exercícios que para além disso fossem ao encontro também dos objetivos da aula, ou seja, a realização de um aquecimento específico, como por exemplo o jogo dos 10 passes quando a matéria era andebol. Assim para além de os alunos adequarem o corpo para a esforço, trabalham também os objetivos da aula, isto ganha uma maior importância quando a aula é de 45 minutos e existe pouco tempo de exercitação. De fato a corrida à volta do campo, assim como alongamentos, raramente foram postos em prática, até mesmo numa modalidade como a ginástica de solo e aparelhos, onde o aquecimento é fundamental para a prevenção de lesões, era utilizada a dança como forma de aquecimento. Contudo a mobilização articular nestas matérias era sempre realizada, devido ao esforço a que estão sujeitas as articulações.

Na parte fundamental, os exercícios utilizados nas aulas em que a matéria eram jogos desportivos coletivos, eram sob a forma de jogos reduzidos, isto pelo facto de eu ser apologista da metodologia do *Teaching Games for Understanding*, que foi tema do meu projeto de investigação ação no ano passado. Este modelo privilegia, como já disse, o ensino do jogo pelo jogo, onde os gestos técnicos isolados (exercícios analíticos) não trazem tantas vantagens para os alunos. Também o professor orientador, no início do ano, defendeu esta metodologia de ensino, embora não tenha referenciado o nome. Mesmo quando não se tratavam de aulas de jogos desportivos coletivos era sempre dada primazia a realização completa do elemento, como os alunos aprenderem as diferentes fases do salto em comprimento realizando sucessivamente saltos.

Sendo que um dos grandes problemas da turma era o seu comportamento, os planos de aula eram pensados de forma a evitar estes comportamentos, ou seja, tentando manter os alunos sempre em prática, evitando longas instruções e transições entre exercícios. Outro dos métodos era a pouca seleção de exercícios, preferindo sempre ter poucos mas onde os alunos tivessem tempo de exercitação

Durante as aulas tentei promover a diferenciação pedagógica, que são um conjunto de medidas didáticas que visam adaptar o processo de ensino aprendizagem aos diferentes alunos, a fim de permitir a cada um atingir os seus objetivos. Um exemplo onde ela foi posta em prática foi na unidade didática de voleibol onde existiam grupos em que se teve de criar algumas situações facilitadoras, como a bola poder cair uma vez no chão, pois se isto não acontecesse os alunos do grupo não

conseguiriam jogar. Tal como afirma Perrenoud (2000), é “absurdo ensinar a mesma coisa, no mesmo momento, com os mesmos métodos a alunos muito diferentes”

Na parte final, a forma utilizada de retornar a calma era com os alunos a arrumarem o material, quando necessário, e posteriormente fazer um balanço geral da aula e pondo em prática atenção dos alunos com o questionamento.

As aulas de 90 minutos assumiram-se, quase sempre, como aulas multimatéria, neste caso trocando de matéria a meio da aula. Esta foi a forma de planejar de modo a aumentar o empenho e a concentração dos alunos por mais tempo, não tornando assim a aula tão maçadora para eles, uma vez que os desafios e objetivos trocavam a meio da aula.

Assim como as unidades didáticas, também os planos de aula são singulares e adequados à turma em questão, apesar de existirem sempre alguns exercícios idênticos em turmas diferentes, os seus objetivos ou a sua organização deve estar adequada à turma e aos alunos que a constituem.

O plano de aula é mais um guia que facilita o processo de ensino-aprendizagem, no entanto a sua flexibilidade está sempre presente, podendo sofrer alterações sempre que seja pertinente e traga vantagens neste processo.

A troca de ideias entre o núcleo de estágio, principalmente com o colega que lecionou ao 8ºano, foi fundamental na construção de melhores planos de aula, debatendo sempre a escolha de exercícios que mais se adequam aos nossos alunos, criando variantes, definindo estratégias, etc. Também o professor orientador foi consultado quando achei pertinente, sendo que ele esteve sempre disponível e contribuiu para a melhor planificação da aula, uma vez que as análises feitas pós-aula têm também esse efeito de melhoria gradual

3.2 REALIZAÇÃO

“As técnicas de intervenção pedagógica prendem-se com um vasto número de destrezas que o professor deve dominar e desenrolam-se em quatro dimensões: instrução, gestão, disciplina e clima.
(Siedentop, 1983)

Já na prática, para que o processo de ensino-aprendizagem decorra de forma eficaz é necessário o professor ter a intervenção pedagógica mais adequada, isto é, empregar corretamente as técnicas de intervenção pedagógica das quatro grandes dimensões acima referenciadas. Apesar de distintas, estas dimensões estão interrelacionadas, não devendo assim ser entendidas cada uma por si, mas como um conjunto sólido.

3.2.1 Instrução

“Esta refere-se aos comportamentos do professor, que se relacionam diretamente com os objetivos de aprendizagem, visando a comunicação de informação sobre a matéria de ensino, tais como preleção, explicação, demonstração e feedback.”
(Aranha, 2004)

A preleção inicial da aula serviu sempre para transmitir aos alunos os objetivos da aula, assim como esclarecer as regras da mesma, de uma forma sempre breve. As regras da aula eram sempre reforçadas, devido ao comportamento da turma, sendo esta uma das principais formas de prevenção de alguns comportamentos de indisciplina. A verificação da compreensão da mensagem nem sempre corria bem, pois apesar de se interrogarem sempre os alunos que parecem mais distraídos, os mais atentos, por vezes respondem, tal é a ânsia de demonstrar que sabem.

Aquando da instrução, o objetivo foi sempre arranjar um meio-termo, no que diz respeito a linguagem utilizada, fazendo uso da terminologia científica mas até um certo limite, de forma a não dificultar a compreensão da mensagem por parte dos alunos.

Quanto ao uso de meios gráficos ou auxiliares, eles foram utilizados quando pertinente, como foi o caso da ginástica de solo, onde a visualização forneceu ao aluno uma outra perspectiva dos elementos gímnicos e a suas determinantes técnicas.

A demonstração dos exercícios ou de um determinado movimento foi muito utilizada, uma vez que a visualização facilita a compreensão ao aluno de como se realiza. Era sempre escolhido um aluno que revelava boas capacidades na modalidade e a quando desta demonstração eu íamos referindo os critérios de êxito. De errado apenas o fato de ser quase sempre o mesmo aluno a realizar a demonstração, pois, grande parte das vezes, era ele o melhor executante. Quando assim não acontecia optava por escolher outro, tal como ocorreu nas aulas de patinagem, onde existiam outros alunos com uma técnica mais aprimorada.

Parar toda a turma e explicar novamente o exercício, ou seja, reformular a informação quando necessário, aconteceu algumas vezes ao longo do ano, quando sentimos que os alunos não tinham compreendido e estavam com dificuldades na realização de um determinado exercício.

A posição, quando era realizada a instrução, era sempre de frente para todos os alunos, sendo que a única dificuldade era que os alunos prestassem atenção às palavras. Já durante a aula é sempre importante ter o cuidado de manter todos os alunos dentro do campo visual, até quando fornecemos instrução a um grupo ou feedback individual ao aluno. Neste aspeto não foram reveladas dificuldades.

Quanto ao feedback, a sua qualidade e quantidade foi melhorando ao longo do ano, sendo mais objetivo e dando mais feedbacks, quer para a turma no geral quer individualmente ao aluno, motivando-os na prática e corrigindo erros comuns. O ciclo de feedback muito raramente era completado no início do ano, por distração, mas após esta perceção fomos tendo mais cuidados e completando-os. A grande dificuldade sentida foi o fato, de mais uma vez, o comportamento da turma não ajudar, e a nossa grande preocupação ser, por vezes, manter a turma controlada, corrigindo comportamentos, tendo assim menos tempo para o feedback pedagógico.

No final da aula, foi sempre privilegiada uma pequena reflexão, onde os alunos retiravam algumas dúvidas que pudessem existir. O questionamento, como já disse, foi por diversas vezes utilizado, como forma de verificação dos objetivos da aula, normalmente as questões eram feitas aos alunos mais distraídos.

Importa referir que a nossa instrução melhorou com o “à vontade” que foi ganho na nossa presença perante a turma, uma vez que o nervosismo inicial rapidamente desvaneceu com o incremento da confiança.

3.2.2 Gestão

“A gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do Professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula, um número reduzido de comportamentos dos alunos que interferiam com o trabalho do Professor, ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula.”
(Siedentop, 1983)

O uso do apito foi uma mais-valia ao longo das aulas, uma vez que logo no início do ano foram definidas as ações que seriam realizadas quando o apito soava, nomeadamente quando apitava uma única vez, toda a turma parava e olhava para o professor, quando soava duas vezes a turma reunia junto dele. Quanto a esta reunião dos alunos junto ao professor, era também levantada a mão contando até 5, os segundos que os alunos dispunham para rapidamente reunir. Quem não reunisse dentro do tempo limitado realizava saltos de canguru ou flexões, apesar de prática física não dever ser vista como um castigo, os alunos acabavam por reunir mais rapidamente. No entanto é sempre necessário ter cuidado com o uso do apito, de forma a não tornar banal a sua utilização pelo seu excesso.

Uma das formas utilizadas para não perder muito tempo entre exercícios é não ter muitos exercícios, esta minha simples constatação da realidade ocorreu pela experiência prática que muitos exercícios na mesma aula não resultam, precisando os alunos de maior tempo de prática para atingir os objetivos da aula.

Também a criação de rotinas e a escolha de exercícios onde os alunos tinham pouco ou nenhum tempo de espera, fez com que eles tivessem um maior tempo empenhados e em prática, ocorrendo assim uma maior e melhor aprendizagem.

Uma dificuldade sentida inicialmente foi a gestão temporal, tendo sempre demasiada preocupação com os minutos, quando um exercício deveria começar e acabar para trocar para o próximo. Mais uma vez a prática fez com existisse uma maior descontração, devendo também reconhecer pela prática dos alunos quando é pertinente avançar com a aula.

3.2.3 Clima

“A dimensão Clima engloba os aspetos da intervenção pedagógica que se relacionam com as interações pessoais, as relações humanas e o ambiente.”
(Siedentop, 1998).

As relações entre os alunos da turma são bastante boas, diria que até seriam boas de mais, uma vez que era constante a interação entre eles. Claro que o fato de a turma ter uma boa relação ajuda ao bom ambiente, onde os alunos estão mais à vontade, participam mais e ajudam-se mutuamente aumentando assim as aprendizagens.

A nossa relação com a turma, sempre foi boa, apesar de sermos bastante exigentes com os alunos. De modo a promover um bom clima e empatia com a turma, por vezes, quando os alunos chegavam ainda antes do toque era possível ter uma pequena conversa sobre questões do dia-a-dia ou da escola, mas vincando sempre o que significa o início da aula, pois por vezes era necessário adotar uma postura mais rígida com eles, de forma a não ultrapassarem alguns limites, e sentirem que o professor é soberano e digno de respeito.

Durante as várias aulas esforçamo-nos sempre transmitir motivação e entusiasmo aos alunos, valorizando as coisas boas que eles fazem, pois é notório o impacto que o reforço positivo tem no seu empenho e aprendizagem. Um exemplo disso foi o empenho demonstrado pelos alunos, nas aulas de badmínton, quando foram desafiados a superar o número de batimentos consecutivos.

3.2.4 Disciplina

“Pela natureza dos elementos que a compõem, esta dimensão, provoca com alguma frequência, a crítica à sua subjetividade ou a simples recusa da sua treinabilidade dado que muitos a consideram fortemente dependente do domínio afetivo e do temperamento do docente.”
(Siedentop, 1998).

Esta é uma dimensão à qual foi dada bastante importância, uma vez que a turma revelava grande falta de disciplina, razão da escolha do tema-problema. A falta de controlo da turma por parte do professor dificulta e muito o processo de ensino-aprendizagem, daí a preocupação com este aspeto desde o início do ano.

De forma a manter a disciplina nas aulas eram sempre reforçadas as regras no início de cada aula. Ao longo da aula, principalmente no início do ano, estava constantemente a corrigir comportamentos, alertando que não eram corretos. Quando um aluno recorrentemente quebrava as regras era necessário tomar medidas, nomeadamente mandar o aluno sentar de forma a ele refletir sobre o seu comportamento. Se um aluno ia mais além, desrespeitando não só o professor como continuamente perturbar o bom funcionamento da aula, a decisão tomada neste caso era expulsá-lo. Esta decisão foi tomada em 4 aulas, ao longo do ano. Apesar de ser uma estratégia que não gostamos de pôr em prática, há certas alturas que não há alternativa.

Apesar de estarmos conscientes que é necessário ignorar alguns comportamentos, nomeadamente os fora da tarefa, esta foi uma tarefa difícil, uma vez que sempre que era visível um comportamento inapropriado acabávamos por o corrigir, quando isso não trazia nenhuma vantagem para a aula.

Considero que o comportamento da turma afetou muito a gestão da aula, sendo necessários muitos minutos ao longo do ano a combater a indisciplina, contudo e assim como o professor orientador sempre nos disse, o tempo que perdemos inicialmente a combater este tipo de comportamentos vai ser ganho mais tarde quando controlarmos bem a turma. E assim aconteceu, pois apesar de a indisciplina ainda estar presente, ela ocorre com menos frequência sendo que os alunos estão mais conscientes dos limites e um simples olhar meu basta.

3.2.5 Decisões de Ajustamento

As decisões de ajustamento são as alterações que ocorrem no plano de aula, realizadas ao longo da mesma, essas alterações devem ser tomadas a favor do processo de ensino-aprendizagem.

Estas devem partir do professor, quando ele se apercebe que o exercício, ou qualquer outra situação, não está a correr como o planeado, sendo necessário modificar algo para atingir os objetivos, como por exemplo passar ao exercício seguinte. Estas situações não ocorreram muitas vezes nas nossas aulas, ocorreram sim pequenas alterações, principalmente na gestão do tempo, por vezes prolongando mais um exercício quando a exercitação não foi a suficiente para atingir os objetivos, ou também parar mais cedo quando os objetivos já estão cumpridos. Trocar alguns alunos de grupo, é também uma pequena decisão de ajustamento que ocorreu várias vezes, principalmente por razões comportamentais. Quando algum aluno faltava e era necessário trabalhar por equipas, uma situação muito usual é utilizar um aluno como *joker*.

Penso que este tipo de decisões começaram a surgir mais quando comecei a conhecer melhor a turma, as matérias e ganhei alguma confiança como professor, ganhando também assim capacidade para decidir quando era ou não necessário tomar uma decisão de ajustamento.

Um fato é que quanto melhor for o planeamento mais facilmente se antecipam os possíveis imprevistos, daí o planeamento ter de ser rigoroso mas também flexível na eventualidade de algum imprevisto ocorrer.

3.2.6 Reflexões e observações de aula

“Sem um trabalho de reflexão suficientemente aprofundado não é possível a avaliação dos alunos e da atividade pedagógica do professor. E sem controle permanente da qualidade do ensino nenhum professor consegue garantir a eficácia e a melhoria da sua prática pessoal.”

(Bento, 2003)

Entre as tarefas individuais presentes neste estágio estavam a realização do relatório de aula e também a observação de outras.

O relatório de aula foi uma forma de refletirmos sobre os acontecimentos ocorridos, ajudando assim a melhorar de aula para aula, corrigindo as situações que a prejudicaram e reforçando as boas. Foi possível identificar as minhas maiores fragilidades e através disso desenvolver estratégias de melhoria.

As observações aos colegas, não esquecendo que todos eles são diferentes nas suas práticas pedagógicas, foram importantes, pois estando do lado de fora, sem estar preocupado com a lecionação, é mais fácil descortinar possíveis erros que nos passam ao lado nas nossas aulas. Também são identificados os pontos fortes do professor, e tudo aquilo que de bom tem a aula serve de exemplo, como estratégias usadas. Um exemplo disso foi o fato de um colega de estágio que lecionou também ao 8.º ano, ou seja, as matérias eram idênticas e a aula dele era sempre anterior à minha, assim foi possível observar as aulas dele, onde eu via aquilo que de mau acontecia e tentava evitar nas minhas aulas, mas também as coisas boas que podia aplicar. Houve uma proximidade muito grande com este colega de estágio, devido a este fato, e as partilhas foram inúmeras, sendo que era feita também uma reflexão conjunta, que estou certo ter sido benéfica para os dois.

Para além de estas reflexões melhorarem a o processo de ensino-aprendizagem, aprimorando-o, ajudam também na nossa capacidade de reflexão e autocrítica.

Foi tendo em conta a premissa de Albuquerque, A. (2003), onde o professor é responsável pelo seu desenvolvimento autónomo, flexibilidade da sua prática, tomando de decisões necessárias e emissão de juízos, ou seja, é o “responsável e protagonista do desenvolvimento do seu próprio conhecimento prático”, que estas tarefas individuais foram realizadas com afinco.

3.3 AVALIAÇÃO

“A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.”

(Despacho normativo n.º14/2011, art.º 2º)

Segundo Cardinet (1993), a avaliação tem três funções fundamentais, orientar (fornece informações relevantes para adequar as práticas de ensino as características pessoais do aluno), regular o processo ensino-aprendizagem (fornecer informações úteis para guiar a ação) e certificar (verificar se os objetivos foram atingidos). Estas funções remetem-nos para diferentes tipos de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa.

A avaliação não está cingida a um conjunto de aulas, ocorrendo ao longo de todas e a forma de a realizar vai desde a simples observação até à realização de testes.

3.3.1 Diagnóstica

“A avaliação diagnóstica conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa”

(Despacho normativo n.º14/2011, art.º 18º)

Esta avaliação é realizada “quando se põe o problema de saber se um sujeito possui as capacidades necessárias para empreender uma certa aprendizagem” (Noizet, 1978). Ela informa-nos acerca do nível dos alunos para assim poder traçar objetivos adequados, para tal foi necessário criar uma tabela com os conteúdos a serem avaliados em cada Unidade Didática, registando se o aluno “Executa”, “Não Executa” ou “Executa com Dificuldades”. Através disto foi feita uma análise escrita e gráfica, traçando o estado geral da turma mas também identificando alunos com grandes dificuldades, assim como alunos que revelam uma boa aptidão para a matéria em causa. Após isto é possível criar grupos de nível, permitindo assim diferenciar o

ensino com a criação de estratégias específicas para diferentes alunos de forma a potenciar o seu desenvolvimento.

Esta avaliação, no que diz respeito aos jogos desportivos coletivos, foi feita através de situações reduzidas de jogo de forma ao aluno estar mais em prática e facilitar a avaliação. Quanto às modalidades individuais a avaliação foi realizada através da exercitação dos elementos na sua totalidade, que constam no Programa Nacional de Educação Física, salto em comprimento no atletismo, os rolamentos na ginástica, etc.

A avaliação da condição física dos alunos também tem um carácter diagnóstico, uma vez que nos dá informações individuais dos alunos acerca da sua resistência, flexibilidade, força e composição corporal. O *fitnessgram* foi a bateria de testes posta em prática, nas primeiras aulas do ano e através desta foi feita uma análise, recorrendo as tabelas de referência e assim verificar quais os alunos que se encontravam na zona saudável de aptidão física.

Como as avaliações diagnósticas foram todas feitas no início do ano foi uma tarefa um pouco complicada, uma vez que ainda não se conhecem bem todos os alunos. Para além disso, preencher a grelha, controlar a turma, avaliar tantos alunos e tantos conteúdos é sempre uma tarefa difícil. Um exemplo onde esta dificuldade foi notória foi a ginástica, onde vários alunos estão a realizar os elementos gímnicos.

3.3.2 Formativa

“A avaliação formativa caracteriza-se na análise dos dados obtidos, de uma forma sistemática e contínua, e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem.”
(Despacho normativo n.º14/2011, art.º 19º)”

A avaliação formativa permite fazer um balanço de como o processo ensino-aprendizagem está a decorrer e se são necessárias alterações, para que ele ocorra com o maior sucesso. Esta forma de avaliação é bastante importante, apesar de ser um pouco menosprezada. Ela pode ser feita de duas formas: uma é a formal e pontual, onde o professor numa determinada aula faz o registo e tira as suas conclusões; a outra forma é a informal e contínua onde o professor ao longo das aulas, através da

observação, vai ajustando decisões como os grupos de trabalho, exercícios mais ou menos complicados, sempre ajustando ao nível da turma.

Estas duas formas de avaliação formativa estiveram presentes em quase todas as unidades didáticas, uma vez que não foi realizada a formativa pontual em dança, devido à curta duração da mesma. Em todas as outras foram criadas tabelas onde eram feitos registos por escrito sobre o aluno e a sua evolução na modalidade, esta descrição era sempre realizada sensivelmente a meio da unidade didática. Para além deste registo formal, a avaliação formativa informal vai acontecendo ao longo da unidade didática, uma vez que existiram decisões tomadas com base nesta avaliação que ajudou diferentes alunos a evoluir, promovendo a diferenciação pedagógica e o ensino individualizado.

3.3.3 Sumativa

“Avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular”.

(Despacho normativo n.º14/2011, art.º 24º)

A avaliação sumativa não é mais que uma quantificação da prestação dos alunos no final da unidade didática, servindo também para verificar se os objetivos traçados no início da mesma foram atingidos.

Para a avaliação foi sempre criada uma tabela (anexo 7.4) com os conteúdos da modalidade, sendo atribuídos valores de 1 a 5 de acordo com o nível de desempenho do aluno.

Os exercícios utilizados na avaliação sumativa foram os mesmos que os alunos exercitaram ao longo das várias aulas das unidades didáticas. No que diz respeito aos jogos desportivos para além dos gestos técnicos foi também avaliada a situação de jogo, embora esta tenha sido reduzida a poucos elementos por equipa de modo a maximizar a prática de cada um.

Na avaliação sumativa existiu também uma componente teórica, pois os alunos realizaram sempre um teste teórico no final de cada período com as matérias

abordadas ao longo do mesmo. Uma vez que as perguntas do teste eram diretas, como escolhas múltiplas, verdadeiros e falsos e preenchimento de espaços, não foi dado qualquer material aos alunos para estudar. Os conteúdos do teste eram repetidos por diversas vezes ao longo da aula e no questionamento realizado na parte final. Esta foi também uma forma de manter os alunos concentrados nas nossas palavras. Este processo, de avaliação teórica, não foi muito difícil, exceção feita à escolha das questões, mas foi trabalhoso e requer bastante tempo.

Na altura de realizar a avaliação sumativa existiram imensas dúvidas e dificuldades, pois existe uma pressão sobre nós, uma vez que somos os responsáveis por atribuir os valores que devem ser justos e coerentes. Contudo, a avaliação sumativa é como uma confirmação dos resultados e não um ato isolado, o desempenho dos alunos é acompanhado e registado ao longo de toda a unidade didática, facilitando esta avaliação.

Antes de ser atribuída qualquer nota no final de período foi sempre pedido aos alunos que participassem na sua avaliação através da sua autoavaliação, uma forma de eles refletirem sobre o desempenho que tiveram ao longo das aulas. Hadji (2001) define a autoavaliação “um processo por meio do qual o sujeito é levado a ter um julgamento sobre a qualidade da execução do seu trabalho e das suas aquisições.”

Quanto aos critérios de avaliação da escola estão definidas as seguintes ponderações: domínio psicomotor – 55%; domínio sócio afetivo – 30%; domínio cognitivo – 15%.

3.4 PRESTAÇÃO GLOBAL DOS ALUNOS

Segundo Carreiro da Costa (1995), a qualidade de ensino influencia em grande parte o êxito nas aprendizagens escolares por parte dos alunos, ou seja, a aprendizagem dos alunos depende da capacidade do professor criar condições de sucesso.

Enquanto professores estagiários assumimos um compromisso com as aprendizagens dos nossos alunos uma vez que o principal objetivo de um professor é a evolução deles através de aquisições de competências, é então importante refletir

sobre as suas evoluções às diferentes unidades didáticas. Esta é então uma forma de verificar se o processo de ensino-aprendizagem ocorreu com sucesso.

A primeira unidade didática a ser abordada foi a de voleibol, onde eram notórias as dificuldades de grande parte da turma em jogar a bola para o campo adversário. Foi necessário trabalhar muito a técnica individual, dar tempo aos alunos com a bola exercitando o passe de frente com situações 1x1. No final, a evolução não podia ser mais evidente, com alguns alunos a realizar jogo 2x2 a três toques. Embora outros alunos não conseguissem chegar a este nível de desempenho, conseguiam manter a bola jogável.

O atletismo foi lecionado alternadamente com o voleibol, esta unidade didática tem a particularidade de dividir em várias modalidades, o que favorece a evolução do aluno devido aos diversos estímulos. Apesar disso, o número de aulas de cada modalidade é reduzido, e esse escasso tempo de prática faz com que não haja uma evolução significativa nos alunos.

O badmínton foi dado em conjunto com o ténis de mesa constituindo assim a unidade didática de raquetas. Os alunos nunca tinham tido contato com a modalidade de badmínton, o que faz com que a avaliação diagnóstica não tenha corrido da melhor maneira. O fato de os alunos terem gostado da modalidade e ter sido dada em conjunto com o ténis de mesa, aumentou o tempo de prática dos alunos e aprimorou a relação com a raqueta, tornando assim visível a evolução dos alunos, que no final realizavam jogo fazendo uso dos diferentes batimentos.

Na ginástica de solo, apesar de ter existido uma evolução, esta não foi tão patente, uma vez que nesta unidade didática foi onde esteve mais presente a indisciplina, devido ao espaço, materiais, tempo de espera dos alunos e falta de motivação para a prática. Com todas estas adversidades ao longo desta unidade didática as aprendizagens mais notadas foram as nossas enquanto docentes.

Quanto a ginástica de aparelhos, esta apesar de ter umas condições de realização quase idênticas à de solo, os alunos têm mais motivação, sendo os saltos desafiantes. Inicialmente os alunos sentiam-se retraídos, tinham medo dos aparelhos, foi necessário desmontar alguns saltos, como o salto ao eixo, para os alunos irem adquirindo confiança. Esta maior segurança dos alunos comprova a sua evolução, com grande parte dos alunos a realizarem o salto entre mãos e ao eixo, quando inicialmente poucos conseguiam.

No andebol a turma teve uma maior evolução a nível tático, uma vez que na avaliação diagnóstica foi visível o jogo anárquico que dificultava as ações técnicas dos alunos, daí a aposta numa melhor organização tática que permitisse aos alunos mostrarem também as suas capacidades técnicas.

Na unidade didática de patinagem os alunos surpreenderam com o nível apresentado na primeira aula, uma vez que o esperado era alunos com grandes dificuldades de equilíbrio e receio de patinar. No entanto, apesar dos erros técnicos, conseguiam patinar sem grandes dificuldades o que elevou as expectativas. Estas não se vieram a confirmar, pois os alunos, apesar do gosto que têm pela modalidade, não se empenharam o suficiente nos elementos técnicos, desvalorizando-os, vendo quase a modalidade como uma recreação.

Quanto à unidade didática de dança, foi visível a evolução no desempenho de grande parte da turma, tal foi a evolução que foi necessário criar uma coreografia mais complexa. Contudo, os alunos com mais dificuldades continuaram a demonstrá-las, devido à sua falta de empenho e motivação, apesar das estratégias desenvolvidas para eles.

De uma forma geral é normal que tenha existido sempre uma evolução dos alunos, no entanto existem matérias onde isso é mais visível devido a diversos fatores, como a motivação dos alunos e até mesmo o nosso desempenho como professor.

Em relação ao compromisso assumido com as aprendizagens dos alunos, a reflexão sobre como e quais as melhores formas de proporcionar situações e momentos que promovam aprendizagem esteve sempre presente ao longo deste ano. Assim, acompanhamos a turma e os alunos individualmente, nomeadamente os seus interesses e necessidades. Para além do nosso compromisso, achamos também pertinente inculcar nos alunos a responsabilidade pelas suas aprendizagens.

Acredito que não exista nada que dê mais prazer a um professor que ver a evolução dos seus alunos, o seu crescimento ao longo do ano, sentir que cumpriu o seu dever.

3.5 APRENDIZAGENS, DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

“ (...) cada um aprende por si mesmo, sem imaginar que muitas vezes chega, por meio de caminhos incertos e difíceis, às aquisições das ciências sociais e humanas e às habilidades dos pedagogos.”.

(Perrenoud, 2001)

Campos (1986) defende que a aprendizagem pode ser definida como uma modificação sistemática do comportamento, por efeito da prática ou na experiência, com um sentido de progressiva adaptação ou ajustamento. Neste ano onde um dos principais objetivos era a aquisição de aprendizagens por parte dos nossos alunos, também nós realizamos muitas aprendizagens.

Devido à liberdade dada pelo professor orientador foi possível a aprendizagem através do erro, ou seja, a aula era um laboratório onde púnhamos em prática as nossas experiências (estratégias), algumas vezes davam certo, outras nem por isso, mas foi através desta experimentação e posterior reflexão que muitas aprendizagens foram adquiridas. Pois como refere Amaral, Moreira & Ribeiro (1986), “a experimentação e a reflexão são elementos auto formativos que levam à conquista progressiva da autonomia e descoberta de potencialidades”. Algumas das aprendizagens, dificuldades e estratégias foram já referenciadas ao longo do trabalho, restando vincar as mais importantes e descrever as ainda não assinaladas.

Desde logo a primeira aprendizagem a ser adquirida foi a melhoria da postura, ou seja, um dos nossos receios é ser o centro das atenções, sentimo-nos inseguros, observados e avaliados, mas isso logo mudou assim que começámos a ganhar confiança e segurança com as primeiras aulas.

Apesar de muitos e bons conhecimentos acerca de todas as matérias abordadas, este ano de estágio trouxe muitos outros a esse nível, pois a preparação das aulas assim o exigia, um conhecimento dos elementos técnicos e táticos, progressões e mesmo a nível de regras. Com este conhecimento de todas as matérias surge uma maior facilidade na escolha dos exercícios adequando aos alunos, assim como surge uma maior facilidade de intervir junto deles, estando mais consciente de todos os gestos técnicos, erros comuns e maneiras de os solucionar. O feedback

pedagógico foi então uma das maiores evoluções, assim como a diferenciação pedagógica dos alunos.

Como é possível verificar cada aprendizagem leva a uma outra, sendo tantas que seriam muito difícil especifica-las a todas, uma vez que elas surgem como uma bola de neve, que vai aumentando ao longo do seu percurso.

Uma das tarefas que mais contribuiu para as minhas aprendizagens foi todo o trabalho realizado em casa, ou seja, todo o trabalho individual, pois as reflexões pós-aula permitiram chegar a imensas conclusões, sobre o que acontece de bom e mau, para posteriormente adaptar decisões a vários níveis. Não só as reflexões sobre as minhas aulas como as realizadas aos meus colegas de estágio melhoraram esta capacidade. Também na preparação da aula, com as justificações ao plano, permitiram prever certos acontecimentos como comportamentos dos alunos, sendo um auxílio importante na escolha de exercícios e estratégias utilizadas. Para além deste contributo nas aprendizagens, estes documentos, assim como plano anual e unidades didáticas, foram também uma aprendizagem no que diz respeito a sua produção.

Existiram também ao longo deste ano muitas dificuldades em certas, tarefas que por vezes condicionaram o bom funcionamento da aula e a nossa prestação como professor, muitas delas convertem-se em aprendizagens, sendo por vezes difíceis de se distinguirem.

A modalidade onde foram sentidas mais dificuldades foi a badmínton, pois foi a única com a qual nunca existiu contato durante a nossa licenciatura, no entanto uma colega no núcleo de estágio praticou a modalidade sendo um proveito para o resto do núcleo. Também a conceção prévia da unidade didática foi uma forma de adquirir conhecimento. É de reforçar a importância que o núcleo de estágio tem, sendo muitas das vezes uma forma de ultrapassar das dificuldades através da partilha de conhecimentos.

Inicialmente aquando da elaboração do plano de aula eram muitas as dúvidas, qual o melhor exercício para a turma, se todos os alunos o iam perceber e realizar, se a transição de um exercício para outro seria rápida e não era necessário mudar a organização da turma. Estas dúvidas aconteceram mais no início do ano e principalmente nas primeiras aulas das unidades didáticas onde era difícil prever o que poderia acontecer. A forma de ultrapassar este problema foi a experiência adquirida ao longo das aulas, uma vez que uma maior consciência da capacidade dos

alunos com quem trabalhamos torna mais fácil prever o seu desempenho a um determinado exercício.

A maior dificuldade ao longo do ano foi o controlo da turma, como já foi dito, uma vez que isso perturba o nosso desempenho como professor e conseqüentemente as aprendizagens dos alunos. A aposta nas rotinas trouxe grandes vantagens, uma vez que aumentou o tempo de prática dos alunos que assim tiveram menos tempo para gracejar. Outra das estratégias foi já referida aquando do planeamento, na escolha de exercícios que privilegiassem o tempo de prática dos alunos e evitando muitas transições durante a aula. Por último, e mais uma vez de forma a manter os alunos empenhados durante mais tempo, de forma a evitar indisciplina, foi a realização de aulas multimatéria nas aulas de noventa minutos, isto depois de uma conversa entre professor orientador e estagiários, pois era notório que os alunos perdiam motivação e ficavam entediados com o passar do tempo, o que levava a maus comportamentos. O fato de ser uma das maiores dificuldades trouxe empenho e motivação para mudar estas ocorrências e com isso muitas aprendizagens a este nível.

Uma outra dificuldade sentida, foi por em prática vários estilos de ensino devido ao comportamento da turma, sendo mais fácil optar pelo de comando de forma aos alunos estarem mais controlados e empenhados. Apesar disso, tentei por em prática outros estilos, dependendo da matéria a ser abordada, o ensino recíproco no voleibol ou por tarefas na patinagem. A forma de ultrapassar esta dificuldade é através da pesquisa bibliográfica, ou seja, um aumento dos conhecimentos a nível dos estilos de ensino e também das diversas modalidades.

Ao longo primeiro período, um dos obstáculos foi a falta de motivação dos alunos nas aulas de voleibol, isto porque foram demasiadas aulas seguidas da mesma matéria, foi um dos erros cometidos a quando das distribuições da matéria no plano anual que tinha pouca alternância entre as matérias. Contudo foi possível fazer um ajuste a este plano anual e nos períodos seguintes existiu um maior número de unidades didáticas a serem abordadas em simultâneo.

As formas de ultrapassar as dificuldades, ou seja as estratégias desenvolvidas, até podem ser diferentes para cada situação, mas o mais importante deverá ser o nosso inconformismo, tomando assim uma atitude de iniciativa e dinamismo, procurando soluções, questionando os orientadores, dialogando com os colegas de estágio e fazendo pesquisas bibliográficas.

3.5.1 Formação Contínua

“A formação contínua destina-se a assegurar a atualização, o aperfeiçoamento, a reconversão e o apoio à atividade profissional do pessoal docente, visando ainda objetivos de desenvolvimento na carreira e de mobilidade nos termos do presente Estatuto... A formação contínua deve ser planeada de forma a promover o desenvolvimento das competências profissionais do docente”
(Dec.-Lei nº 75/2010, de 23 de Junho)

A melhor estratégia que um professor pode adotar é a aposta na sua formação contínua, pois é crucial para o seu desenvolvimento e valorização enquanto docente, uma vez que esta terá certamente reflexos na melhoria das aprendizagens dos seus alunos. É sempre importante que um professor seja consciente das suas capacidades admitindo a importância dessa formação contínua, uma vez que, como afirma Carreiro da Costa (1996) a “aprendizagem da profissão docente não termina com a obtenção de uma licenciatura em ensino, é algo que o professor realiza durante toda a sua vida.”

Pretendendo assim continuar a adquirir e consolidar conhecimentos, acerca das várias modalidades mas também sobre a prática pedagógica, superar dificuldades e realizar pesquisas teóricas de forma autónoma, uma vez que no panorama atual exige um professor eficaz e competente em todos os domínios, de forma a atingir esse patamar existe ainda um longo caminho pela frente.

3.6 ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL

“A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário (...).”

(Silva, Fachada & Nobre, 2012)

Enquanto profissional, um professor deve ter um conjunto de comportamentos e atitudes indispensáveis para o bom desempenho das suas funções.

Ao longo deste ano letivo, promovi esses comportamentos e atitudes, como o respeito, rigor e profissionalismo perante toda a comunidade escolar. Tal como todo o núcleo de estágio demonstrou este tipo de comportamentos, uma vez que estivemos

sempre presentes e fomos sempre participativos quando chamados a intervir, cumprindo também com as tarefas que nos eram propostas.

O trabalho de grupo tem uma forte importância neste ano de estágio, uma vez que é necessário cooperar com todos os colegas nas várias tarefas que pertencem ao estágio pedagógico, algumas delas já assinaladas ao longo deste relatório. Quanto à minha relação com os elementos do núcleo de estágio sempre foi ótima, uma vez que já existiam laços de amizade ainda antes do ano iniciar. É assim mais fácil trabalhar em grupo, respeitar as opiniões e partilhar os conhecimentos quando existe um clima e ambiente saudável. Por estas razões tomei a decisão de estagiar nesta escola, pela possibilidade de trabalhar com amigos com quem tinha um boa relação. A mesma relação temos com o professor orientador, de respeito e confiança, pois desde o primeiro dia nos deixou bastante à vontade, estando sempre disposto a ajudar e contribuindo para que neste ano de estágio abundassem as nossas aprendizagens.

Considero ser uma pessoa organizada e preocupada, daí ter sempre o meu trabalho em dia e organizado. Também isto contribuiu para que antes de todas as aulas estivesse tudo pronto para a prática dos alunos, chegando sempre à escola com tempo de sobra.

Tive sempre cuidado com todo o material existente na escola, principalmente com aquele com que tive mais contato, ou seja, todo o material desportivo, tendo o cuidado de o manter sempre em condições e arrumado depois de cada aula.

Apesar da indisciplina, a minha relação com a turma sempre foi boa, existindo uma relação de confiança e empatia. Também as atitudes dos alunos foram valorizadas durante as aulas, uma vez que sempre me preocupei em transmitir valores ligados ao desporto e educação física, como a ajuda, companheirismo e respeito.

Posso concluir este tema afirmando que nos sentimos em casa, integrados na comunidade escolar, com quem tivemos uma relação de recíproco respeito.

3.7 QUESTÕES DILEMÁTICAS

“O contacto privilegiado com a realidade da prática docente apresenta-se como provocador de questionamentos e pesquisas, mobilizadores de saberes, atribuidor de sentidos a saberes disciplinares anteriormente lecionados”.

(Alarcão e Roldão, 2008)

Ao longo deste ano é natural que tenham surgido vários dilemas que nos deixam a pensar numa melhor solução, geram boas discussões entre o núcleo de estágio, levando a posteriores pesquisas de modo a dissipar dúvidas e adquirir novos conhecimentos.

Logo no início do ano letivo, quando nos foi proposto pelo professor orientador a realização de todas as avaliações diagnósticas nas primeiras aulas surgiu o dilema: Será esta a altura ideal para a sua realização? Foi debatido entre o núcleo se seria a melhor estratégia, avançando com ela depois de estarmos conscientes das suas vantagens, como um planeamento mais eficaz. Pois sabendo, logo no início do ano, as matérias que os alunos têm mais dificuldades assim como aquelas em que estão mais à vontade é uma vantagem, podendo variar a atribuição do número de aulas a cada unidade didática. No entanto, nós estávamos a iniciar o ano, não tínhamos a vantagem de outros professores que conheciam já os seus alunos, e a tarefa de avaliação é sempre bastante complicada. Não seria uma altura prematura? Não seria mais vantajoso ser realizada no início de cada unidade didática? Até porque o planeamento é flexível podendo alterar o número de aulas dado a cada unidade didática. Cada momento tem as suas vantagens e desvantagens, já aqui identificadas e na minha opinião esta tarefa tinha sido mais bem-sucedida se fosse realizada no início de cada unidade didática.

Outro dilema surgiu no que diz respeito ao planeamento das aulas, pois as aulas de 45 minutos são pequeníssimas, no que diz respeito ao tempo de empenhamento motor, principalmente quando se tem de retirar o tempo de equipar e desequipar. Mas será que as aulas de 90 minutos são melhores neste aspeto? Visto que os alunos, quando chega a uma hora de aula, começam a ficar mais distraídos, seguindo-se um menor empenho e desconcentração que levam à indisciplina. Após

debate com o núcleo de estágio chegou-se a uma conclusão que as aulas multimatéria seriam uma boa solução. No entanto, foi complicado planejar aulas tão distintas.

Uma outra situação tem a ver com a linguagem praticada na aula, uma vez que é pertinente usar uma terminologia adequada. Enquanto estudante foram muitos os termos científicos assimilados, tais termos que os alunos não compreendem, como aconteceu nas primeiras aulas, onde os alunos algumas vezes ficavam a olhar para nós sem compreenderem. Devemos continuar apostar nestes termos perante a turma? Foi necessário adaptar um meio-termo, usar uma linguagem simples perante os alunos, mas ao mesmo tempo introduzir alguma terminologia mais científica, para que os alunos vão também adquirindo um vocabulário mais vasto no que diz respeito à educação física.

Outro dilema reside na formação de grupos, se o ideal é a criação de grupos homogêneos ou heterogêneos. O grupo de estágio acabou por utilizar as duas formas, achando que as duas trazem vantagens e desvantagem. Dando o exemplo do voleibol, onde estão a realizar passe frente a frente, em grupos de dois elementos. Dois alunos bons estarão a realizar o exercício sem problema, com a bola sempre a ser jogada corretamente. Dois alunos mais fracos é raro conseguirem realizar três passes consecutivos. Invertendo a situação e colocando cada um dos bons alunos com um mais fraco, o aluno bom consegue colocar corretamente e da melhor forma a bola no aluno mais fraco, e mesmo que este execute um mau passe, o bom aluno, devido as suas características, consegue manter a bola em jogo. Foi necessário começar a conhecer melhor a turma e quais os alunos que têm mais capacidade para cooperar com os colegas para ajustar assim a forma de trabalhar.

Reconhecendo a importância que o feedback pedagógico tem na aprendizagem dos alunos, em conversa com os elementos do núcleo de estágio surgiu a questão: será mais vantajoso o individual ou geral? É obvio todos os alunos são diferentes, cada um com as suas dificuldades, sendo necessário um feedback individualizado para cada aluno. Mas será que essas dificuldades não serão também para um outro aluno? E não será vantajoso toda a turma ter noção que até se trata de um erro bastante comum? Nas minhas aulas quando via um aluno a cometer um erro, por exemplo, um aluno realizava o serviço no voleibol com o bordo da mão, o feedback era dado para toda a turma, partindo do princípio que esse aluno se apercebeu do erro assim como outros alunos. O dilema surge quando um colega de estágio tem opinião diferente, afirmando que os alunos não tomam tanta atenção quando o

feedback é dado para a turma, prestando mais atenção quando o professor se dirige diretamente a eles. Compreendo que seja mais fácil assimilar uma informação quando nos dirigimos diretamente ao aluno e por isso dei vários feedbacks individuais, quando achei mais pertinente, fechando sempre o ciclo.

3.8 INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

“As novas didáticas, resultantes de uma crítica das didáticas tradicionais, apresentam-se como alternativas propostas a todos os que não se contentam com as formas clássicas do ensino e do trabalho escolar.”
(Perrenoud, 1993)

Todo professor estagiário, que passa da teoria para a prática, traz consigo inúmeros conhecimentos e inovações que deseja por em prática nas suas aulas, mostrando a sua criatividade e competência de modo a tentar motivar os seus alunos, aumentando os níveis de aprendizagem.

Para Abrantes (2010), a inovação das práticas pedagógicas são estratégias pedagógicas que sejam efetivas na produção de conhecimento e que estejam em consonância com as diretrizes educacionais.

Logo no início do ano, uma forma de inovar, foi com realização um teste sociométrico à turma, uma ferramenta que permitiu vislumbrar relacionamentos da turma, a integração e sociabilidade dos alunos na turma, podendo assim ajustar os grupos de trabalho a esta informação pertinente.

O caso mais evidente, foi o já falado *Teaching Games for Understanding* de Bunker e Thorpe (1982) que tem como principal objetivo perfeccionar a compreensão e execução de cada um dos elementos técnicos e táticos em situação de jogo. Esta ideologia rompe com os exercícios analíticos e monótonos como o passe frente a frente, promovendo assim a motivação dos alunos nas aulas. Segundo Garganta (1998), “uma das vantagens dessa abordagem é que, quando se conhecem as estruturas de jogo de uma modalidade desportiva, a aprendizagem poderá ser facilitada quando o aluno desejar aprender outra modalidade.”

Nas aulas de ginástica de solo recorri a imagens que demonstravam os vários elementos gímnicos, uma vez que este meio visual dá uma outra perceção do movimento, ajudando o aluno a compreender também as determinantes técnicas.

Também nos aquecimentos tentei inovar, tentando por de lado os aquecimentos com corrida a volta do campo, optando por exercícios mais lúdicos mas que fossem sempre de encontro aos objetivos da aula. Como já referi anteriormente o fato de aproveitar a unidade didática de dança para servir de aquecimento nas aulas realizadas no ginásio, um espaço tão complicado para efetuar um aquecimento, foi um dois-em-um, realizando não só um bom aquecimento mas também uma aula de exercitação de dança.

4. TEMA/PROBLEMA – A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES ESTAGIÁRIOS, DA ESCOLA BÁSICA CASTRO MATOSO NO ANO LETIVO 2013/2014, EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA. COMO LIDAR?

4.1 INTRODUÇÃO

“Na Educação Física, as aulas apresentam-se com características especiais. São mais propícias a problemas de indisciplina, visto o seu contexto ser diferente (ginásios, pavilhões, espaços ao ar livre) e também por terem um tipo de envolvimento menos estruturado e mais aberto (Sherman, 1975; Vogler e French, 1983; White, 1990).”

O tema/problema surge no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Pedagógico, inserido no segundo semestre do segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Este estudo foi realizada na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Castro Matoso, situada em Oliveirinha, concelho de Aveiro.

O tema escolhido foi a percepção que os professores estagiários têm em relação à indisciplina e como estes lidaram com ela, neste ano onde os seus conhecimentos teóricos foram postos em prática.

A escolha deste tema é devida às dificuldades iniciais que eu tive, neste ano de estágio, e de forma a ultrapassar estas dificuldades o estudo ganha importância, uma vez que aqui estarão presentes depoimentos dos outros professores estagiários

do núcleo de estágio, que após observações e conversas, se chegou a conclusão que não era apenas uma dificuldade minha. Como futuro professor, a reflexão profunda sobre como se deve lidar com casos de indisciplina, de forma a perder menos tempo com estas situações de gestão, possibilitará dedicar mais tempo ao ensino de qualidade.

O presente trabalho está dividido nesta Introdução ao estudo, seguindo-se um enquadramento teórico, onde estão citações dos nomes mais conhecidos da pesquisa educacional. Na pertinência do estudo serão abordados os principais conteúdos a serem abordados nele, surge de seguida o problema, com os seus objetivos e limitações, a metodologia utilizado, a apresentação de resultados e a sua discussão assim como uma conclusão do estudo.

4.2 PERTINÊNCIA DO ESTUDO

Em Portugal, a indisciplina ocorre com frequência e constitui uma fonte de preocupação para pais e professores (Costa & Vale, 1998; Veiga, 2007a).

Também nas aulas de Educação Física, a indisciplina constitui uma séria preocupação para todos os professores, principalmente para os estagiários que estão a dar os seus primeiros passos no ensino. É também um dos maiores problemas com o qual me deparo, ficando a sentir que tais comportamentos condicionam negativamente o processo de ensino aprendizagem.

Os comportamentos de indisciplina dos alunos foram, ao longo deste ano de estágio, dos principais problemas que perturbaram o bom ambiente e qualidade de ensino. Lecionar num ambiente confuso e de indisciplina é muito difícil, o que faz com que não haja aprendizagem pelo aluno, uma vez que o professor passa demasiado tempo a corrigir comportamentos. Siedentop (1982) sustenta que os ganhos de aprendizagem estão diretamente correlacionados com o tempo de prática dos alunos, pelo que o tempo de gestão e organização devem ser reduzidos ao indispensável.

A disciplina não tem que ser o silêncio absoluto, com regras rígidas, ou até mesmo a passividade do aluno, pelo contrário, a falta de empenho e envolvimento nas atividades pode ser entendida como falta de cumprimento das regras. A ordem significa que, dentro de certos limites, os alunos seguem programas de ação necessários para que a atividade de aprendizagem seja realizada em boas condições.

Com este estudo espero compreender melhor o que é a indisciplina, perceber os seus motivos e também instruir-me sobre formas de a evitar.

Reconheço que um ensino de qualidade só existe quando os professores são de qualidade, sendo que esta não se define apenas pela forma como professor transmite os conhecimentos, mas sim por muitas outras, entre os quais, como ele lida com a indisciplina dos seus alunos.

4.3 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O termo indisciplina é de origem latina e caracteriza-se pela sua polissemia, para Veiga (2007), a indisciplina surge sempre que se verifica a transgressão das normas e regras escolares que prejudica as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino e o relacionamento das pessoas na escola. Existem muitas outras definições de indisciplina, de autores conceituados, no entanto esta define indisciplina de uma forma sucinta.

Os comportamentos inapropriados assumem duas vertentes, os comportamentos fora da tarefa e os comportamentos desviantes. Os comportamentos desviantes são mais graves, rompem por completo com o bom funcionamento da aula e devem implicar uma intervenção do professor. Quanto aos comportamentos fora da tarefa, estes são menos graves, e como não perturbam a atividade da turma, devem ser ignorados pelo professor.

De forma a tentar perceber a indisciplina, Amado (1991), defende que há quatro questões fundamentais:

- A necessidade das regras, para que os alunos as interiorizem e por elas orientem a sua prática. Conseguir esta interiorização é uma das intenções básicas do professor e uma condição fundamental da disciplina.
- A análise dos fatores deve reconhecer o cruzamento de múltiplas linhas de força, perante o incidente de indisciplina, admitindo a existência de fatores *socio génicos* (influências sociais, culturais e familiares), *psicogénicos* (atrasos no desenvolvimento moral, autoconceito negativo e baixa autoestima, frustração e desinteresse causados pelo insucesso escolar, projetos de vida em que a escolarização assume pouco valor), *escolares* (todo um potencial

patogénico relacionado com os currículos, com os métodos de ensino, com a relação pedagógica, com a organização de turmas, com a gestão de espaços e tempos, etc.).

- A indisciplina pode desempenhar uma função de contrapoder do aluno, de modo a que seja negociado, entre ele e o professor, um "acordo de trabalho" que dê origem a situações mais favoráveis.
- A prevenção e correção destes comportamentos implicam que o professor indique claramente os procedimentos a seguir. Para minimizar os riscos, há que estimular a participação positiva de todos, muito especialmente dos que apresentam mais dificuldades e que se encontram com baixa autoestima, concitando-lhes, expectativas positivas sobre o seu êxito elogiando os seus pequenos sucessos; em suma, o professor torna-se uma companhia nas suas descobertas.

Para vários autores, como Estrela (1994), o professor pode ser considerado como o principal responsável pela indisciplina sempre que não consegue gerir a aula de modo a inibir o aparecimento e desenvolvimento dos comportamentos indisciplinados.

Segundo Brito (1986), uma importante estratégia como forma de prevenir o aparecimento de comportamentos inapropriados é tornar as sessões e tarefas propostas agradáveis, recorrendo à diversificação, ao movimento e ao prazer, por forma a tornar o jovem mais ativo, como que distraído de possíveis comportamentos indisciplinados.

Siedentop (1983) citado por Rosado (1990) apresenta três estratégias básicas para o desenvolvimento e manutenção de comportamentos apropriados:

1. Clarificação das regras;
2. Motivar o comportamento apropriado com interações positivas;
3. Ignorar comportamentos inapropriados de menor importância.

Também Rosado, citado por Tiago Pereira (2006), apresenta diferentes estratégias para combater a indisciplina e por sua vez promover a disciplina durante as aulas de educação física, estas estratégias são as seguintes:

- **Reforço Positivo:** o uso deste reforço passa pela transmissão de feedback de natureza positiva, reforçando o comportamento do aluno.

- Extinção: Corresponde ao não-reforço do comportamento que pretendemos suprimir. Ignorar o comportamento é um meio de não o recompensar, aconselhável para comportamentos que queriam chamar a atenção do professor.
- Punição: Este comportamento é dirigido ao aluno com o intuito de promover um sentimento desagradável, surgindo como consequência da quebra de determinadas regras e aplicado por alguém com autoridade no sentido de eliminar um comportamento.
- Modelação: A imitação é um processo natural de aprendizagem, sendo a educação pelo exemplo desde sempre utilizada. A modelação consiste no emprego sistemático dos princípios de imitação para a aquisição de condutas apropriadas.
- Dessensibilização: É usada através do princípio do contra condicionamento como técnica bastante vulgar. O aluno é colocado em situação de realce perante a turma de forma a obter da parte do sujeito atividades incompatíveis com respostas de indisciplina

Kounin (1970) adverte que o professor, ao não valorizar o comportamento de indisciplina, pode induzir os outros alunos a considerarem que também eles têm o direito de agirem da mesma forma.

No estudo realizado por Henkel (1991) sobre as técnicas de controlo utilizadas pelos professores de Educação Física, o autor rejeita a ideia da visão exclusivamente centrada na correção e punição, propõe a integração da dimensão antecipatória, ou seja, o comportamento que o professor desenvolve antes do aparecimento do comportamento de indisciplina do aluno, portanto numa perspetiva de prevenção.

Uma das preocupações do professor para a prevenção da indisciplina é necessariamente a forma como planifica as suas aulas e como antecipa algumas situações que minimizem os maus comportamentos na aula. Graça (1992) refere que o plano de aula é tanto mais rico quanto for capaz de antecipar a ação, e sobretudo esclarecer as intenções.

Carita e Fernandes (1997) sugerem algumas formas de prevenir os problemas disciplinares, nomeadamente o respeito pelas promessas feitas, o não recurso a comparações entre alunos, a equilibrada distribuição da atenção por todos eles, a disponibilidade para escutar os seus problemas (mesmo os pessoais, se for caso

disso), os sinais de reforço dos comportamentos apropriados e de encorajamento nas situações mais difíceis, um encorajamento útil, isto é, propiciador de sugestões ou de meios que ajudem o aluno a delinear o seu percurso.

Também Santos (2002), compilou um conjunto de estratégias específicas a utilizar na aula de forma a manter o controlo da turma, essas estratégias podem ser preventivas, ou punitivas, se bem que estas deverão ser consideradas com grande parcimónia:

Quanto às estratégias preventivas o autor selecionou as seguintes:

- Motivação e manutenção do interesse do grupo turma.
- Evitar a saturação e aborrecimento dos alunos, evita correr riscos de os alunos desmotivados se tornarem desviantes.
- Manutenção do ritmo da aula, minimizar tempos mortos e retomar rapidamente a sequência no caso de ter havido uma interrupção.
- Transmitir uma imagem de autoridade e organização, consubstanciada em atitudes de firmeza, segurança e consistência.
- Intervenção pronta face a comportamentos de indisciplina.
- Postura séria e que não admite brincadeira.
- Estabelecimento de regras que regulem aspetos diversos da vida da aula como as deslocações, a comunicação, as relações interpessoais e o material.
- Organização da planta da sala que facilite a localização dos alunos.
- O professor deve demonstrar domínio dos conteúdos.
- Estruturar e encurtar período de transição através de rotinas.
- Dar feedback frequente para motivar, com a preocupação de não centrar a comunicação apenas em alguns alunos, mas de distribuí-la por todos.
- Definir objetivos e enfatizá-los ao longo da aula.
- Estimular comportamentos adequados, reforço de comportamentos adequados, falar baixinho com o aluno ou uma conversa particular, ou ainda de um diálogo com toda a turma.
- Estabelecer relações interpessoais positivas como ouvir os alunos, ser afetuoso, empático, inspirar confiança, mas também ter humor, ser calmo na abordagem dos problemas, respeitar o aluno, isto é, confiar nele e não o humilhar.
- Restrição da presença de muitos alunos à sua volta.

- Praticar vigilância e controlo permanente, circulando pela aula, evitando estar de costas para alunos, ter a capacidade de prestar atenção em simultâneo a mais do que um acontecimento da aula.

Quanto às estratégias punitivas:

- Recorrer a tarefas desagradáveis como exercícios que o aluno não gosta ou arrumação do material.
- Mudança do local onde o aluno se encontra, o que pode incluir a expulsão da sala e comunicação ao diretor de turma.
- Fazer com que perca tempo de intervalo.
- Ameaçar, por exemplo, com o efeito destes comportamentos na nota final de período.
- Chamar o aluno à atenção através da aproximação e/ou usar contacto físico, olhar fixamente o aluno, utilizar linguagem gestual, mudar o tom de voz ou fazer silêncio, ironizar com a situação.
- Exigir trabalho complementar a realizar sobre da sala de aula.

Os professores eficazes são, primeiro que tudo, gestores eficazes e as habilidades de gestão são pré-requisitos essenciais para um bom ensino, em qualquer sala de aula, ou em qualquer disciplina (Siedentop, 1983).

4.4 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Para este tema se desenvolver é necessário existir um problema, para que no fim do estudo exista uma reflexão. Com a análise final chegar-se-á a algumas conclusões que poderão melhorar as minhas qualidades enquanto professor, como os motivos que levam à indisciplina, quais as melhores estratégias a utilizar quando ela existe, assim como as melhores formas de a prevenir. Desta forma, o problema deste estudo que vai de encontro ao que foi descrito anteriormente é:

A perceção dos professores estagiários, da Escola Básica Castro Matoso no ano letivo de 2013/2014, em relação à indisciplina. Como lidar?

4.5 OBJETIVOS E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O objetivo geral deste estudo é compreender como os professores estagiários lidaram com os comportamentos indisciplinados dos seus alunos, se eles conhecem as suas causas e quais as metodologias que utilizaram.

Objetivos específicos:

- O que os professores estagiários entendem por comportamentos indisciplinados.
- Quais são as principais causas dos comportamentos indisciplinados dos alunos (meio social, competências do professor, idade dos alunos).
- Verificar se o fato de serem professores estagiários influencia o comportamento dos alunos.
- Quais as melhores formas de intervenção, que funcionaram nas aulas dos professores estagiários, assim como aquelas que são de evitar por não produzirem resultados.

Por ser um estudo qualitativo, a metodologia tem suas limitações, como as interpretações pessoais na análise de dados qualitativos, que porém não invalidam cientificamente o estudo nem a relevância do mesmo.

Outra limitação é o pequeno número da amostra, contudo, o curto espaço de tempo não possibilitava mais entrevistas, pois foi colocada a hipótese de fazer a comparação entre o professor estagiário e o experiente, assim como incluir estagiários de outros núcleos. Todavia, o fato de o estudo ficar cingido ao núcleo de estágio, torna-o mais rigoroso, uma vez que existe um melhor conhecimento de causa do que é a indisciplina nesta escola.

4.6 METODOLOGIA

A metodologia de trabalho a utilizar é a qualitativa. “Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apoiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação” (adaptado de Creswell, 2007).

A razão desta escolha é simples e fundamentada, tem um carácter hermenêutico onde o principal objetivo é interpretar um fenómeno observado, ou seja, pesquisa indutiva, onde interessa mais o processo que propriamente o resultado. Para tal a amostra terá de ser pequena e intencional, em que o seu ambiente é o mundo real.

Segundo Creswell (1998) a etnografia é a descrição e interpretação de um grupo cultural e/ou social ou um sistema. Ao analisar estudos sociológicos, o autor afirma que o pesquisador inicia o estudo examinando as pessoas e as suas interações em locais comuns e tentando discernir padrões presentes como ciclos de vida, eventos e assuntos culturais. Será então esta a estratégia, ou referencial metodológico de análise, pois o estudo visa a descrição de valores, crenças e as práticas de grupo cultural, neste caso, dos professores estagiários, e a descrição de um fenómeno associado a esse grupo, a forma como lidam como os comportamentos indisciplinados.

4.6.1 Amostra

A recolha de dados do presente estudo foi realizada na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Castro Matoso, sendo as observações realizadas durante o 1º e 2º período e a entrevista no 3º, do ano letivo 2013/2014. A amostra é restrita aos três professores estagiários do núcleo de estágio de E.F., sendo que eu não pertenço à amostra do estudo.

O nome dos professores não será revelado, sendo assim referenciados neste estudo como Professor 1, 2, e 3, correspondendo a um professor do 7º, 8º e 9º respetivamente.

Tendo em conta as considerações éticas, todos os professores estagiários aceitaram participar no estudo, permitindo a observação das suas aulas e a gravação da entrevista.

4.6.2 Instrumentos

Os instrumentos por mim utilizados serão a entrevista e a observação.

Yin (2009) considera as entrevistas como “uma das mais importantes fontes de informação de um caso estudo” uma vez que a maior parte dos estudos de caso são sobre assuntos que dizem respeito às pessoas. As entrevistas qualitativas como refere Bogdan e Biklen (2000) variam quanto ao grau de estruturação, desde as

entrevistas estruturadas até às entrevistas não estruturadas. No entanto, este autor refere ainda que as entrevistas semiestruturadas têm a vantagem de se ficar com a certeza de obter dados comparáveis entre os vários sujeitos. Será esta estrutura semiestruturada, com questões abertas, que fará parte do estudo. Para tal efeito será também criado um guião (anexo 7.5), e se possível, a entrevista será realizada num ambiente mais informal e descontraído com a utilização de um gravador.

A observação qualitativa é fundamentalmente naturalista, pratica-se no contexto da ocorrência, entre os atores que participam naturalmente na interação e segue o processo normal da vida quotidiana (Adler & Adler, 1994). Para Bogdan e Biklen (1994) a observação é a melhor técnica de recolha de dados neste tipo de estudos e será também ela utilizada na recolha de dados para este projeto, dando-lhe uma mais-valia e complemento à entrevista.

4.6.3 Material

Gravador

Para a gravação da entrevista foi utilizado um *Smartphone*, o *Wiko Cink Five*, com um Software próprio de gravação áudio, o Gravador de Voz para o *Android 4.1.2*.

Transcrição

De forma a facilitar a transcrição *ad verbatim* foi utilizado um *Software Express Scribe Pro*, sendo que a transcrição foi feita no *Microsoft Office Word 2013*, ambos os programas a correrem no *Windows 8.1*.

4.6.4 Procedimentos

Após ter a certeza que este tema era o mais pertinente, comecei a prestar ainda mais atenção às aulas dos meus colegas de estágio, nomeadamente às situações de indisciplina. Digo ainda mais, pois desde o início do ano que o controlo da turma era o grande problema de todos nós (estagiários), e sempre foi um problema discutido pelo núcleo. Assim, as observações aos estagiários, tendo em atenção a indisciplina dos alunos, foi realizada desde o início do ano letivo, uma vez que fazia parte do estágio a observação dos colegas.

Ainda antes de elaborar o guião da entrevista foi necessário fazer uma profunda revisão de literatura de forma a definir os objetivos mais específicos a atingir. As

entrevistas foram realizadas, tendo em média 15 minutos, e posteriormente foram transcritas de forma a ser possível realizar a análise dos dados recolhidos.

4.6.5 Tratamento de Dados

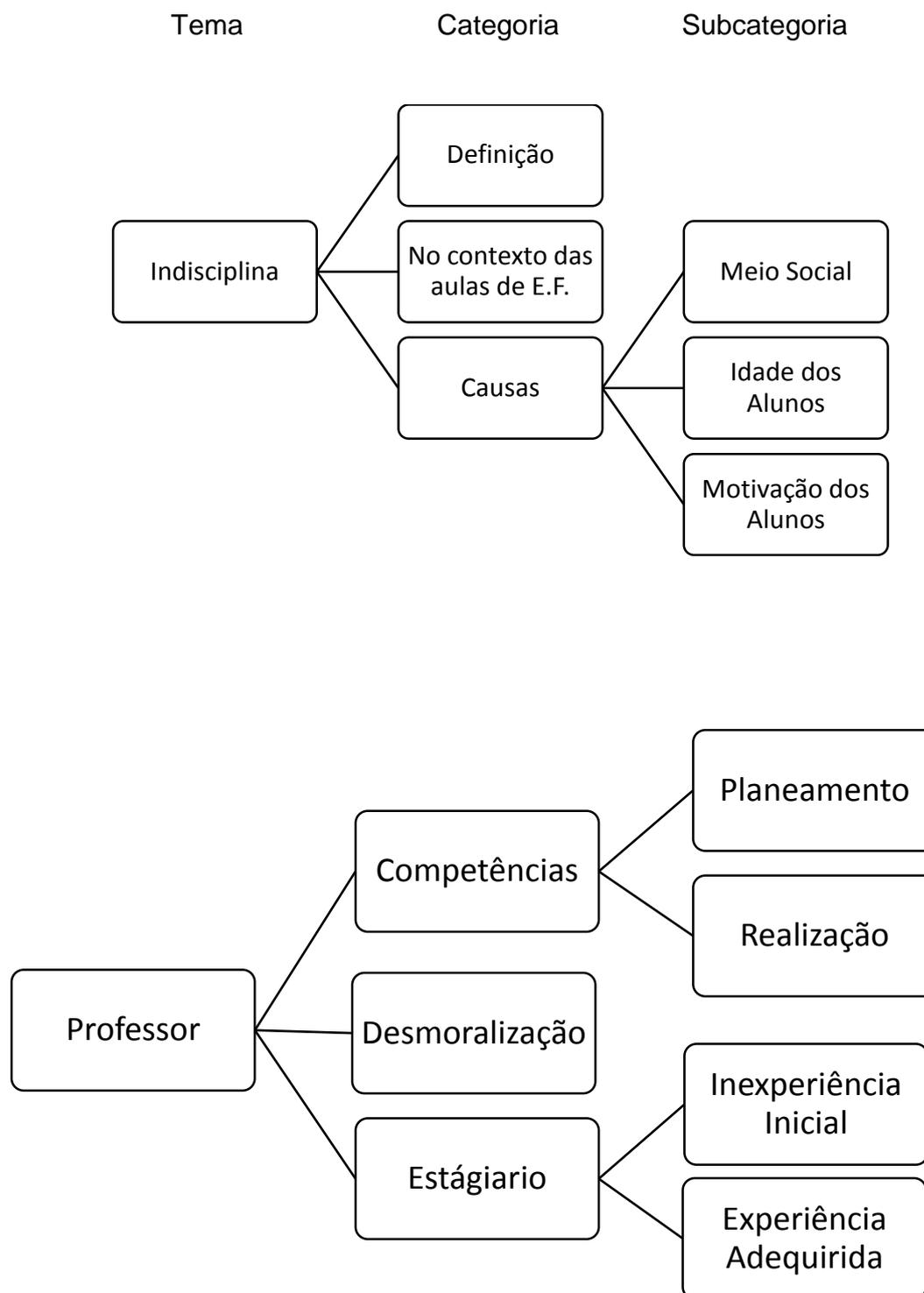
Transcritas as entrevistas, a fase que se segue é de tratamento de dados, nesta fase é utilizado o *descriptive coding* de Saldaña (2009). De acordo com o autor o método de coding inicia-se com a criação de códigos, que são palavras ou frases curtas que representem a essência de uma porção de dados escritos (anexos 7.6;7.7;7.8). Posteriormente, após a contagem dos códigos (anexo 7.9) presentes em cada professor, são identificadas categorias e subcategorias, que englobam uma série de códigos, a partir das quais são identificados temas e conceitos centrais, os quais vão resultar em uma análise baseada nos dados recolhidos.

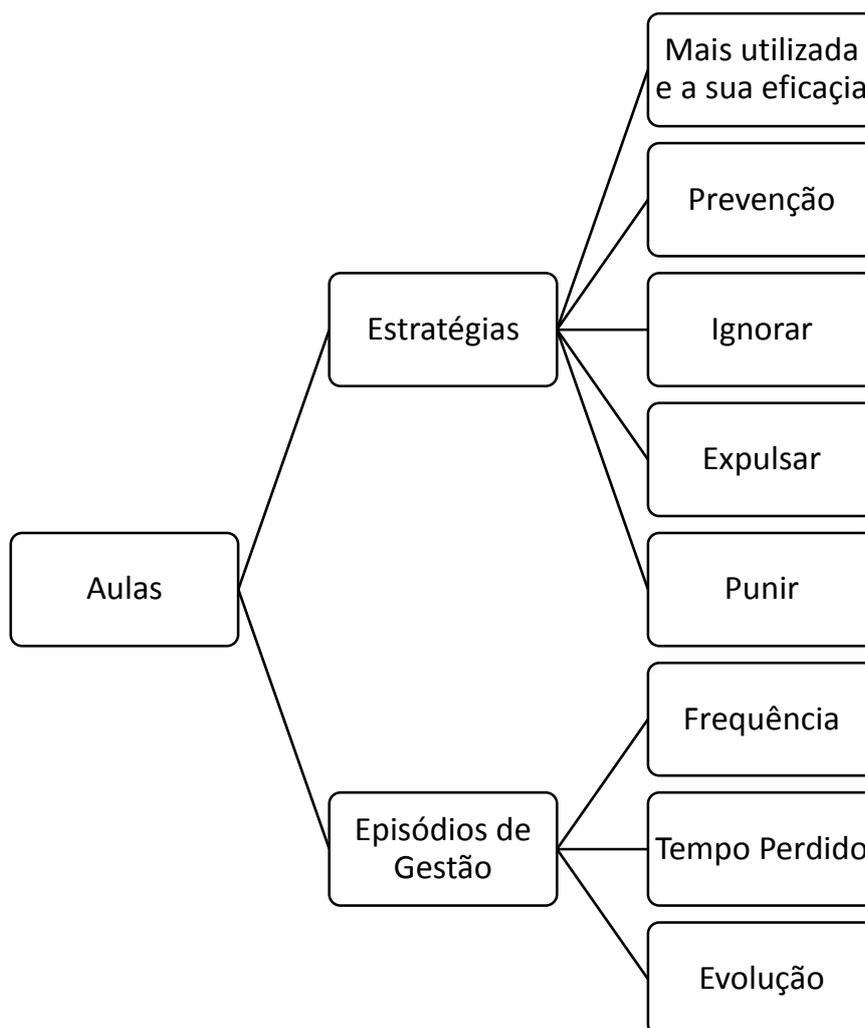
Apresenta-se em seguida o gráfico com os códigos organizados e categorizados.

4.7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

As categorias foram agregadas a três grandes temas:

1. Percepção sobre a Indisciplina nas aulas de Educação Física e as suas possíveis causas.
2. A atuação dos professores estagiários nas suas aulas, as estratégias que foram postas em prática ao longo do ano e os seus episódios de gestão.
3. O professor, a sua experiência e as competências de planeamento e realização.





Indisciplina

Definição

Professor 1 - "...quando os alunos violam as regras da aula." "...alunos sabem que a bola é para ser jogada com as mãos e chutam a bola."

Professor 2 - "São todos os comportamentos que de uma forma ou de outra, inibem o bom funcionamento da aula." "Uma simples conversa para o lado é um comportamento de indisciplina."

Professor 3 - "...não respeitar aquilo que é exigido pelo professor, ou aquilo que é definido como regra, como rotina de aula." "...faltas de respeito para com os colegas, para com o professor."

Contexto das aulas de Educação Física

Professor 1 - "Há um certo limite, por exemplo, numa aula de ginástica, eles podem falar entre eles, desde que não incomodem muito o grupo de trabalho."

Professor 2 - "...de uma maneira geral os professores e os alunos sentem que a aula de Educação física é uma escapatória normal do dia de aulas." "em certas idades os alunos ainda não têm a noção para distinguir o que é uma aula dinâmica e muitas vezes com exercícios divertidos e de espírito de grupo, muitas das vezes os alunos não conseguem diferenciar isso da brincadeira do intervalo...cabe ao professor fazer a distinção e trazer os alunos à razão."

Professor 3 - "...existem certos comportamentos... não seja excessivo. Até pode ser benéfico. Desde que haja um bom ambiente e que haja entreatajuda é benéfico. Obviamente se ultrapassarem os limites e que possa desencadear outro tipo de situações, obviamente que é preciso intervir."

Causa: Motivação dos alunos

Professor 1 - "Eles podem estar entusiasmados com a prática, mas não quer dizer que por isso se portem mal." "Um aluno pode não estar motivado com aquilo mas não quer dizer que o leve a portar-se mal."

Professor 2 - "...muitas vezes a competição e a personalidade de cada um, e o espírito competitivo leva a que haja comportamentos de indisciplina." "...os alunos ao não estarem empenhados na tarefa vão estar empenhados noutra coisa qualquer, que certamente são coisas que distraem."

Professor 3 - "...a motivação em si, acho que é bom... o que leva a que o aluno se exceda normalmente é o ser bastante competitivo, o querer ganhar. A motivação penso que é benéfica, porque se o aluno estiver motivado quer é aprender, até quer

que os outros estejam calados.” “Quem não está motivado para as aulas acaba por não se empenhar, por ter conversas paralelas comportamentos desviantes...”

Causa: Meio Social

Professor 1 - “Eu penso que afeta. Porque tem poder económico mais baixo... a família onde ele (aluno) está inserido também é um fator importante.” “...penso que nesta escola existe um comportamento menos bom por parte dos alunos”

Professor 2 - “Penso que é fundamental. A indisciplina não tem apenas uma razão, não é pelo meio ser, por exemplo, de socioeconómico baixo que existe indisciplina. Penso que não existe um fator, existe a conjugação de vários fatores que leva a indisciplina...”

Professor 3 - “Sim, é um meio social que na sua maioria é baixo... Vem desde o interesse dos pais sobre o desenvolvimento dos alunos na escola. Até mesmo os alunos não valorizarem, se calhar, tanto a escola... Portanto um extrato económico-social baixo penso que também é um fator de indisciplina.”

Causa: Idade dos Alunos

Professor 1 - “Penso que os mais novos são menos bem comportados, tipo ali, aquela idade dos 12, 14 anos, que é a turma do 7ºano praticamente, do que uma turma do 9ºano que são ali os 15, 16 anos.”

Professor 2 - “Penso que cada faixa etária tem as suas vantagens e desvantagens...as faixas etárias, mais jovens, mais 5º 6º 7º conseguem sentir mais a autoridade do professor, ... as faixas etárias mais elevadas não sentem tanto essa autoridade mas devido ao fato de estarem mais maduros também não sentem tanto a necessidade de expandir nas suas brincadeiras ... as faixas que são mais problemáticas, situa-se perto do 8º, depende muito das turmas, alguns 7º, alguns 9º, são as faixas mais problemáticas.”

Professor 3 - “Bem, é normal que os alunos mais velhos não tenham tanta indisciplina, vimos o caso da Homem Cristo (Escola Secundária). Mas o contexto também influencia.”

Professor

Competências de Planejamento

Professor 1 - “Sim, quando o professor leva uma aula bem preparada, penso que isso aí se reflete ao longo das aulas e permite que os alunos não divaguem muito entre eles.” “...grupos para a aula num papel e quando no início da aula dizes logo os grupos de aula e não deixar os alunos escolher.”

Professor 2 - “Nem sempre acontece como planejado mas deve planejar previamente, como planeia o exercício e os feedbacks que vai dar, deve também planejar o modo como há-de agir perante as situações que vão acontecendo.”

Professor 3 – Não referiu

Competências de Realização

Professor 1 – Não referiu

Professor 2 - “Sim, minimizar o tempo perdido em episódios de gestão, potenciar a prática que a gente sabe que os alunos quando estão envolvidos na prática e estão motivados a gostar do que fazem estão... diminuem os comportamentos inapropriados, evitar os tempos de espera, muitos alunos nas chamadas filas, evitar falar, fazer preleções muito prolongadas, ser mais objetivo...”

Professor 3 - “...o professor deve procurar manter os alunos mais em atividade possível sem grandes momentos de paragem que possam promover desenvolvimento de brincadeiras e comportamentos inadequados. Portanto na parte da estrutura da aula, obviamente que o professor tem um papel importante...”

Inexperiência Inicial do Estagiário

Professor 1 - “...pode afetar, que eles sabem que somos professores que estamos a iniciar e não temos tanta experiência como um professor mais velho.”

Professor 2 - “No caso da nossa escola penso que o orientador nos deu a distância necessária para os alunos sentirem que a autoridade somos nós e não ele...” “...o fato de sermos estagiários e os alunos sentirem isso têm tendência a como se diz na gíria, “esticar a corda” até verem onde vai a atitude do professor estagiário e penso

que ai nos devemos adequar no sentido não mostrarmos que somos professores estagiários mas que somos professores.”

Professor 3 - “Acredito que numa primeira fase eles tentem esticar um bocado mais a corda e verem até onde nós os deixamos ir, mas tenho a certeza que conseguimos impor as nossas regras e as nossas estratégias... Não acho que tenha sido por aí, que tenha havido os comportamentos que houve, e a indisciplina que houve.”

Experiência adquirida do Estagiário

Professor 1 - “Eu giro melhor. Sim (conheço melhor a turma). Sim (Consigo prever comportamentos de indisciplina).”

Professor 2 - “Penso que foram tudo situações por que todos nós passamos e que agora estão esclarecidas...por conhecermos melhor os alunos, mais rapidamente o professor atua, de forma rápida...ao conhecer a turma é muito mais fácil eliminar os focos que destabilizam a turma e deste modo a minha performance está melhor.”

Professor 3 - “...com o passar do tempo nós vamos também estar mais à vontade e mais seguros e isso também nos permite ter mais facilidade de lidar com esse tipo de situações.”

Desmoralização do Professor

Professor 1 - “Em alguns alunos acho que sim, que já tentei de tudo e não vale a pena. Agora em outros alunos acho que há sempre alguma coisa a fazer. Mas pronto, em outros não vale a pena fazer.”

Professor 2 - “...o ambiente de turma é o fundamental para o professor puder implementar as suas estratégias de ensino, para que os seus exercícios corram de uma forma adequada, para que consigam ensinar, corrigir, para que os alunos consigam evoluir, para que um determinado exercício tenha sucesso. E penso que nesse sentido houve um esforço muito grande por parte dos estagiários de forma a intervir nesse campo (indisciplina) ...”

Professor 3 - “Sim acho que tendencialmente no início a preocupação do professor prende-se com a criação de rotinas da aula e regras, e depois chega a um tempo que as coisas, supostamente já estão mais encaminhadas e mais automatizadas e então é normal que o professor não se foque tanto nesse aspeto. É óbvio que o professor tem que estar com atenção a isso mas é normal que não seja o seu foco de atenção.”

Aulas

Melhor estratégia aplicada e a sua eficácia

Professor 1 - “Aviso uma duas vezes, se esse comportamento continuar, ou ficam a fazer o relatório de aula, ou vão para a biblioteca.”

“Resulta para a turma, mas para os alunos em questão não resulta muito.”

Professor 2 - “...na minha opinião não existe nenhum procedimento para cada tipo de atitude. Eu acho que devemos ver a atitude num determinado contexto.” “...a minha atitude vai pela punição, de ficar sentado durante um determinado tempo de aula ou em casos mais graves como falta de respeito, falta de educação, o ser expulso da sala de aula. Mas como eu disse depende muito se é um aluno frequente, se é um aluno que é a primeira vez que tem esse tipo de atitude.”

“Deparamos-mos com alunos que o ser expulso, uma falta disciplinar para eles é muito grave ... como há alunos que se calhar pelo seu histórico escolar, não lhes interessa, ter uma falta ou não ter é-lhes indiferente.”

Professor 3 - “Quando passam um bocado os limites mandei sentar e não faziam a aula ou parte da aula e no final falei com os alunos para eles perceberem que tinham errado e tento fazê-los perceber para não se voltar a repetir.”

“...foi suficiente para as situações que houve, nunca tive necessidade de ir mais além do que isso. No caso desta turma e dos alunos em questão sim.”

Estratégias de Prevenção

Professor 1 - “De prevenção costumo falar com eles no início da aula e explicar as regras, os comportamentos que não devem ter, é isso que eu faço.”

Professor 2 - "...penso que toda a planificação do professor vai de encontro ao evitar ao máximo que esse tipo de atitudes surjam. Tanto pela disposição espacial, tanto pelo tempo de exercitação e o tempo de espera, tanto pelas modalidades, estilo de exercício, pelos feedbacks que dá-mos, tudo que o professor planeia, planeia de forma e evitar esse tipo de atitudes."

Professor 3 - "...normalmente tenho esse cuidado a nível de formação de grupos, tirando isso é não deixa-los estar muito tempo parados que dá aso a que eles comecem a conversar."

Ignorar comportamentos

Professor 1 - "Ignoro aqueles comportamentos que, menos graves..."

Professor 2 - "Penso que isso é a pior atitude que um professor pode ter, aquando da sua intervenção, porque ao ignorar esse tipo de comportamentos sentem que não foram punidos e sentem que se pode tornar uma ação normal, podem repetir..."

Professor 3 - "...um caso excepcional ou que sei lá, basta olhar e já uma chamada de atenção. Lá está quando não são situações assim graves a ponto de estar sempre necessário chamar a atenção."

Punir

Professor 1 - "Aviso uma duas vezes, se esse comportamento continuar, ou ficam a fazer o relatório de aula, ou vão para a biblioteca."

Professor 2 - "...de forma a esse comportamento não se repetir, tem de ser punido ou sancionado."

Professor 3 - "...obviamente que senão for suficiente (a prevenção), a punição terá que ser posta em prática."

Expulsar o aluno

Professor 1 - “Não, ainda não (expulsei um aluno). Eu acho que a melhor estratégia é quando os alunos acabam a aula e ficam os colegas a fazer a aula e eles não a podem fazer. Acho que a melhor estratégia!”

Professor 2 - “São alunos que recorrentemente estragam o bom funcionamento da aula e que depois de utilizadas todas as estratégias pedagógicas para impedir que ele continue a estragar o ambiente de aula, então tomasse essa atitude mais drástica, em prol da turma, para que possa haver um processo de ensino aprendizagem.”

Professor 3 - “Acho que é uma boa estratégia, em caso já mesmo mais extremos, como não tive assim nenhuma situação particularmente grave o suficiente não o fiz, mas acho que é uma boa estratégia.”

Frequência dos Episódios de Gestão

Professor 1- “Não é todas as aulas, é uma vez por outra... e são mais ou menos, sempre os mesmos alunos.”

Professor 2 – “...eu penso que em todas as aulas qualquer professor se depara com uma situação que não lhe agrada, seja uma situação grave de falta de disciplina e falta de respeito ou a mais comum, não deixa de ser grave, uma conversa paralela na aula... felizmente penso que, casos graves, existem de forma pontual...”

Professor 3 – “É pouco. Muito raro”

Tempo gasto por episódios de gestão

Professor 1 - “Sim, pá sim. Perco muito tempo da aula a resolver problemas de indisciplina.”

Professor 2 - “...não demoro muito tempo, até porque perder demasiado tempo com essa situação é tempo que gera indisciplina por parte dos restantes alunos. Penso que as situações de indisciplina devem ser rapidamente resolvidas de forma a minimizar os estragos na restante turma.”

Professor 3 - “...já perdi mais tempo do que o que perco agora.”

Evolução dos Episódios de Gestão

Professor 1 - “Melhorou um pouco sim. Em alguns alunos... não vale a pena estar sempre a insistir com eles porque eles não mudam. Agora em relação aos outros penso que sim. Penso que houve uma melhoria.”

Professor 2 - “Eu penso que sim, que o comportamento em si melhorou e existe uma coisa que também... que são as rotinas.”

Professor 3 - “O caso da minha turma eu acho que melhorou. Pronto, há sempre aquelas conversas paralelas e pequenas brincadeiras, mas tenho casos de alunos que sim, foi notório que melhoraram.”

4.8 DISCUSSÃO DOS DADOS

Os três professores estagiários estão em concordância quanto à definição de indisciplina, e as suas descrições, assim como os seus exemplos, vão ao encontro com a bibliografia consultada. O não cumprimento, por parte do aluno, de uma regra estabelecida pelo professor é considerado indisciplina. Logo, é importantíssimo o professor fazer referência a estas no início da aula, não caindo no erro de as não comunicar pensando que as mesmas estão já implícitas, pois tal erro conduz ao insucesso.

Como foi possível verificar no enquadramento teórico, as aulas de Educação Física são diferentes de todas as outras, devido ao contexto onde são praticadas, e neste aspeto os três professores estão de acordo afirmando que existem certas interações entre os alunos que são aceitáveis. A responsabilidade é do professor, que deve estabelecer os limites do que é aceitável ou o que será considerado indisciplina. Neste caso, esse limite poderá variar de professor para professor, sendo ele mais ou menos liberal, podendo também ajustar-se consoante a disciplina da sua turma.

Um bom ambiente na turma, onde os alunos estão empenhados e motivados é o que o professor deve promover, para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma mais eficaz. Os professores acreditam que a motivação é benéfica para a aula, trazendo esse empenho aos alunos, pois quando os alunos estão

empenhados na tarefa há menos espaço para a indisciplina. Os professores referem ainda que, o que pode ser negativo e posteriormente trazer indisciplina, é a competição entre os alunos, o querer ganhar.

Quanto às causas da indisciplina, elas são várias como está referenciado por Amado (1991) no enquadramento teórico. Os professores não identificam uma causa principal, no entanto todos eles referem que o meio social onde a escola está inserida condiciona o comportamento dos alunos, neste caso as condições socioeconómicas baixas traduzem-se em indisciplina na escola.

Outra das causas alegadas pelos professores foi a idade dos seus alunos. Apesar de todas as faixas etárias serem diferentes e terem cada uma as suas vantagens e desvantagens, os professores assumem que os alunos mais novos apresentam uma maior indisciplina. Neste caso as turmas do 7^o e 8^o ano são as mais problemáticas, pois é uma fase que os alunos passam, ou estão a entrar, na adolescência, uma fase caracterizada por alguma rebeldia.

As competências do professor são a sua principal arma no combate à indisciplina da turma e foi possível verificar que os professores têm consciência disso, pois apesar de nem todos as terem referenciado, foram identificadas as competências a nível de planeamento e realização da aula. O planeamento e preparação da aula são importantíssimos, as escolhas dos exercícios e as suas transições, assim como prever comportamentos dos alunos, tudo isto deve ser pensado previamente para manter um bom controlo da turma, de forma que a aula decorra com poucos ou nenhuns casos de indisciplina. Durante a aula, o professor deve também por em prática as suas competências e os professores referiram isso mesmo com vários e bons exemplos de como manter uma turma empenhada para que a aula decorra sem problemas.

O fato de sermos professores estagiários não é desculpa para tais comportamentos por parte dos alunos, no entanto é uma das razões, consideram os professores uma vez que existe alguma falta de experiência a vários níveis assim como a lidar com estas situações. No entanto, todos os professores fazem um balanço positivo, considerando-se agora mais aptos para lidar com a indisciplina, uma vez que as aprendizagens a este nível foram muitas.

No que diz respeito às estratégias utilizadas, quando ocorre indisciplina, cada professor tem a sua forma de atuar, neste caso de punir, sendo que apenas o professor dois faz referência ao contexto da situação em que o ato ocorreu. E quanto

ao fato de resultarem ou não, as respostas foram variadas e não conclusivas. É possível afirmar que não existem estratégias infalíveis, cabe ao professor adequar a sua decisão à situação específica, o importante é o professor agir e não deixar passar em claro as situações graves de indisciplina.

Quanto à prevenção da indisciplina, esta está diretamente ligada com as capacidades do professor em organizar e gerir a sua aula já referenciadas acima, restando apenas dizer que os professores reconhecem a sua extrema importância, utilizam-na e deram vários e bons exemplos de formas de prevenção.

Apesar da indisciplina dos alunos, expulsa-los da sala de aula, não é uma coisa que os professores façam com frequência, sendo que dois deles nunca colocaram um aluno fora das suas aulas. Todos eles afirmam ser uma estratégia a utilizar em último recurso, quando são situações muito graves.

Acerca da importância de ignorar certos comportamentos, as repostas foram um pouco diferentes, uma vez que um professor afirma que é “das piores atitudes que um professor pode ter.” Os outros dois professores afirmam que quando se trata de situações que não são muito graves pode ser benéfico visto que não é necessário interromper a aula. Esta questão podia ter sido colocada de outra forma, distinguindo comportamentos desviantes dos comportamentos fora da tarefa. Uma vez que segundo a literatura, os comportamentos fora da tarefa devem ser ignorados sempre que possível. Reforçar os comportamentos apropriados é também uma estratégia que apesar de não ser falada por nenhum professor, é importante.

Os professores têm conhecimento que a indisciplina faz com que se perca muito tempo com episódios de gestão, tempo esse que não é aproveitado para adquirir conhecimentos. Um dos professores acaba por referir, e bem, que este tempo deve ser reduzido ao mínimo, acabando o último professor por concluir que a experiência faz com que esse tempo seja reduzido.

Todos os professores afirmaram que o comportamento da sua turma melhorou ao longo do ano, ainda que pouco. Isto leva a crer que as estratégias levadas a cabo pelos professores surtiram efeito no comportamento dos alunos, que estão agora mais rotinados. Também a experiência e prática dos professores a lidar com estas situações podem explicar esta ligeira melhoria no comportamento.

A indisciplina para além de perturbar o processo de ensino-aprendizagem perturba também psicologicamente os professores, que por vezes se sentem incapazes de gerir corretamente estas situações. Outra situação que pode ocorrer é

o professor começar a acomodar-se a esta situação, considerando que não há nada a fazer, deixando por vezes maus comportamentos passar. Os professores estagiários não acham que isto tenha acontecido com eles, afirmando que tentaram manter sempre o bom comportamento ao longo das aulas. Contudo, testemunharam que no início do ano tiveram uma maior preocupação neste capítulo, pois só depois de controlarem bem a turma e terem um bom ambiente de trabalho é mais fácil exporem as suas competências de ensino.

4.9 CONCLUSÃO

Depois de realizado este trabalho sinto-me agora mais capaz de lidar com as situações de indisciplina. Não descobri nenhuma estratégia infalível, tão pouco era esse o objetivo deste trabalho, mas sim perceber como os meus colegas de estágio as geriram. O fato de perceber que não era o único a lutar contra este mal deixou-me mais à vontade, assim como também perceber que todos eles lidaram com estas situações de uma maneira quase semelhante.

Desde logo, muitas aprendizagens ocorreram com a realização do enquadramento teórico pois, apesar de nada disto ser novo devido ao contacto que tive com o tema ao longo da minha formação, é sempre importante rever e confirmar muitas das práticas utilizadas ao longo deste ano.

A metodologia de pesquisa, a qualitativa, apesar de ser a segunda vez que a ponho em prática, existiram algumas dificuldades na análise de conteúdo.

Com o tratamento dos dados foi possível retirar muitas informações pertinentes, como o porque destas situações de indisciplina ocorrerem, assim como a melhor maneira de lidar com elas e as prevenir. Apesar de muitas respostas irem de encontro aquilo que eu esperava, depois deste estudo as minhas decisões e a forma de lidar com a indisciplina será diferente no futuro.

Agradeço ao núcleo de estágio pela disponibilidade que tiveram, tornando este estudo possível e uma mais-valia na minha formação.

5. CONCLUSÃO DO RELATÓRIO

5.1 PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

“Efetivamente para que o processo de supervisão se desenrole nas melhores condições é necessário criar um clima favorável, numa atmosfera afetivo relacional positiva, de entreatajuda recíproca, espontânea, aberta, autêntica, cordial, empática, entre o supervisor, orientador e o professor”.

(Alarcão e Tavares, 1987)

Sendo o estágio pedagógico a nossa primeira experiência prática no ensino, é necessário um acompanhamento por parte dos orientadores com o objetivo de uma melhor adaptação à realidade futura. Para Alarcão e Tavares (1987) este acompanhamento é “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor, no seu desenvolvimento”.

O orientador da escola, Professor Fernando Leite, acompanhou sempre de perto as nossas práticas docentes, ajudando sempre com a sua experiência, dando feedbacks, ajudando a superar dificuldades e tomadas de decisão. Também as reflexões conjuntas após cada aula foram essenciais para a evolução na nossa prática pedagógica, uma vez que a sua presença nas aulas permite vislumbrar ocorrências que por vezes nos escapam. A sua atitude positiva e postura para com todo o núcleo foi essencial, assim como a grande autonomia e responsabilidade que nos atribuiu, o que tornou este ano muito mais rico em aprendizagens, uma vez que todos nós tivemos a oportunidade de por em prática todas as nossas ideologias para assim percebermos se eram as mais corretas. O clima positivo, disponibilidade e empatia existente entre o orientador e todo o grupo ao longo do ano foi fundamental para uma abertura total e diálogo.

Também a Orientadora da Faculdade, Professora Elsa Silva foi fundamental quando interveio, fazendo várias críticas construtivas que serviram de exemplo para todo o núcleo de estágio. A professora após visualização das nossas aulas realizava uma reflexão, destacando os aspetos positivos e negativos, ajudando-nos também a sermos críticos com as nossas práticas. Além disso foi realizado um balanço geral

sobre todas as atividades desenvolvidas, demonstrando interesse na nossa evolução e adaptação ao contexto.

Esta prática supervisionada contribuiu imenso na nossa formação, uma vez que nunca nos sentimos desamparados neste trajeto, tendo sempre por perto o orientador com quem dialogava e refletia de forma a agir da forma mais coerente.

5.2 IMPACTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA MINHA MOLDAGEM PESSOAL E PROFISSIONAL

“Mais do que em qualquer outra profissão, o primeiro ano de exercício da docência surge como um desafio em que cada nova experiência se assume mais como um teste para avaliar a capacidade de sobrevivência do que como uma fase indispensável ao processo de desenvolvimento profissional.”
(Marques da Silva, 1997)

Apesar de estar bastante motivado no início do ano letivo, por fazer aquilo que sempre quis, era inevitável o nervosismo que sentia devido à responsabilidade que tinha neste primeiro contacto real com o contexto escolar. Contudo tentei pensar sempre positivo, uma vez que tinha confiança nas minhas capacidades e a certeza que a formação obtida ao longo dos quatro anos era verdadeira.

Este ano, que passou a uma velocidade vertiginosa, foi o mais rico em aprendizagens, sendo uma experiência única de realização pessoal e profissional, onde pus em prática todo o conhecimento adquirido ao longo destes quatro anos.

Todas as aprendizagens, dificuldades, tarefas realizadas e estratégias implementadas foram alvo de reflexão durante este relatório, restando apenas afirmar que a maior parte das dificuldades que foram definidas no plano de formação individual foram ultrapassadas, através da experiência adquirida, contudo, ao longo do ano, outras foram surgindo e encaradas como desafios à minha capacidade de resolução das mesmas. Continuarei a investigar e a apostar na formação contínua de forma ter cada vez mais competências e continuar atualizado.

Como referi no planeamento, todos os documentos produzidos são únicos e adequados à realidade onde estou inserido, assim como são únicos todos os alunos, cada um com as suas diferentes capacidades e dificuldades, onde é necessário intervir de diferente forma.

O aprofundamento de um tema, referente à indisciplina, permitiu adquirir e rever conhecimentos, estes ganham ainda mais importância quando grande parte das minhas dificuldades estão relacionadas com esta temática, que afeta muitos outros professores e o seu processo de ensino-aprendizagem.

A existência de um Núcleo de Estágio de Educação Física nesta escola já se verifica há alguns anos, contribuindo assim para uma melhor formação de professores estagiários. Enquanto núcleo estivemos sempre presentes e participativos nas tarefas que nos foram propostas estando sempre envolvidos no contexto escolar, é uma vantagem a existência de um grupo unido, que se apoia num ano que é decisivo.

As atividades desenvolvidas na Unidade Curricular de Projeto e Parcerias Educativas tiveram um impacto significativo nas nossas aprendizagens, uma vez que é um processo trabalhoso de organização, construção, realização e posterior reflexão e acrescenta qualidade e mérito ao nosso trabalho desenvolvido na escola, uma vez que tiveram bastante sucesso na comunidade escolar.

O acompanhamento realizado à Diretora de Turma, na Unidade Curricular de Organização e Gestão Escolar foi realizado com sucesso, uma vez que acompanhei de perto todas as tarefas inerentes ao cargo, esta acessória promoveu também a minha boa integração na escola, uma vez que há interações não só com os professores da turma, nos respetivos conselhos, mas também com encarregados de educação dos alunos.

Todas estas atividades promoveram inúmeras aprendizagens, sendo uma experiência pessoal única com momentos marcantes que moldaram a identidade profissional.

Posto isto, se alguma vez tive dúvidas em relação a profissão de docente, esta experiência dissipou-as, estando extremamente feliz por encerrar esta etapa académica e entusiasmado pela continuação nesta via profissional de transmissão de conhecimentos, pois sinto-me agora mais capaz de a exercer.

6. BIBLIOGRAFIA

ABRANTES, N. (2010). *Prática Pedagógica Supervisionada 2010: Percursos e Balanços*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

ADLER, A. e ADLER, P. (1994). "Observational Techniques". In N. Denzin e Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. Califónia: Sage, pp.377-392.

ALARCÃO, I., & ROLDÃO, M. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Edições Pedagogo, LDA.

ALBUQUERQUE, A. (2003). *Caracterização das concepções dos orientadores de estágio pedagógico e a sua influência na formação inicial em Educação Física*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto. Porto

AMADO, J. (1991). A Indisciplina na Escola. *Revista "O Professor"*. N.º 13 (3^a série).

AMARAL M., MOREIRA M., & RIBEIRO D. (1996). *O papel do Supervisor no Desenvolvimento do Professor Reflexivo*. Estratégias de Supervisão. In Alarcão, I. (Org.) (1996), *Formação reflexiva de professores – Estratégias de supervisão*. (pp.91 – 122). Porto: Porto Editora.

ARANHA, À. (2004). *Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

BENTO, J. (1987). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Coleção Horizonte de Cultura Física. Livros Horizonte. Lisboa

BENTO, J. (1999). Contextos e perspectivas. In Bento, J., Garcia, R. e Graça, A. (Eds). *Contextos da Pedagogia do Desporto* (pp.19-112). Lisboa: Livros Horizonte.

BOGDAN, R., BIKLEN, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

BRITO, M. (1986). *Identificação de Episódios de Indisciplina em Aulas de Educação Física no Ensino Preparatório - Análise do Comportamento de Professores e Alunos*. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Cruz Quebrada.

CAMPOS, D. (1986). *Psicologia da aprendizagem*. Petrópolis: Vozes.

CARDINET, Jean. (1993). *Avaliar é medir?*. Rio Tinto: Edições Asa

CARITA, A. e FERNANDES, G. (1997). *Indisciplina na Sala de Aula, como prevenir como remediar?* - Editorial Presença. Lisboa.

CARREIRO DA COSTA, F. (1996). *Formação de Professores: Objetivos, conteúdos e estratégias*. In Carreiro da Costa, F. et al., *Formação de Professores em Educação Física. Conceções, Investigação, Prática*. Lisboa: Ciências da Educação, Edições

COSTA, F. (1995). *Diferenciação do ensino: relação entre a atitude pré-interativa e os indicadores interativos de apresentação da informação, contextos de ensino, feedback pedagógico e participação do aluno*. Coimbra

CRESWELL, J. (1998). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among Five Traditions*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

ESTRELA, M. (1994). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.

FORMOSINHO, J. (2001). *A Formação Prática dos professores: da prática docente na instituição à prática pedagógica nas escolas*. Universidade do Minho.

FARIA JR., G. (1972). *Introdução à Didáctica de Educação Física*. 1ª Edição, Amadora, Fórum Editora LTDA.

GARGANTA, J. (1998) Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: graça, A. & Oliveira, J. (Orgs.). O ensino dos jogos desportivos: FCDEF-UP: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos.

HADJI, Charles (2011). *Ajudar os alunos a fazer a autoregulação de sua aprendizagem: por quê? Como?* (Visando um ensino com orientação construtivista). Trad. Laura Pereira. Pinhais: Melo.

HENKEL, S. A. (1991). Teachers' Conceptualization of Pupil Control in Elementary School Physical Education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*. Vol. 62. (1). 52-60.

KOUNIN, J. (1970). *Discipline and Group Management in Classrooms*. New York: Holt, Rinehart & Wiston. (reimp. 1977, N.Y.: Robert E. Krieger).

PEREIRA, T. (2006). Percepções e crenças dos professores estagiários em relação aos comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física. Porto. Portugal.

PERRENOUD, P. (1993), Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas. Lisboa. Publicações Dom Quixote

PERRENOUD, P. (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.

PERRENOUD, P. (2001). *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Artmed Editora.

PIÉRON, M (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. Barcelona: INDE. Capítulo 3, pp. 53-91.

ROSADO, A. (1990). *A indisciplina nas classes de Educação Física*. Revista Horizonte, vol.7, nº38, Julho-Agosto.

SALDAÑA, J. *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. Londres: SAGE Publications Ltd, 2009

SANTOS, B. (2002). *Gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina: a importância da formação inicial*. In: Estrela, A.; Ferreira, J. (Orgs.). *Indisciplina e violência na escola*. XI Colóquio na AFIRSE.

SIEDENTOP, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Second Edition. Mayfield Publishing Company.

SIEDENTOP, D. TOUSIGNANT, M.; & PAPER, H. (1982). *Academic Learning Time in Physical Education: 1982 coding manual*. Columbus. Ohio State University.

SILVA, E., FACHADA, M., NOBRE, P. (2012). *Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º Semestres 2013-2014*. FCDEF-UC.

SILVA, M. (1997). "O Primeiro Ano de Docência: O Choque com a Realidade". In ESTRELA, M.; CARROLO, C. ; et al. (1997). *Viver E Construir A Profissão Docente*. Porto: Porto Editora

VEIGA, F. (2007a). *Indisciplina e violência na escola. Práticas comunicacionais para professores e pais*. Coimbra: Almedina.

Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and methods (4ª ed.)*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Legislação Consultada

Despacho n.º14/2011

Dec.-Lei nº 75/2010, de 23 de Junho

7. ANEXOS

7.1 PLANO ANUAL

Mês	Dia	Matéria	Aula	Aula
			da	la
			U.D.	Nº
Setembro	17	Apresentação		1
	17	Apresentação		2
	19	Andebol	1	3
	24	Ginástica de Solo	1	4
	24	Ginástica de Aparelhos	1	5
	26	Atletismo	1	6
Outubro	1	Voleibol	1	7
	1	Badmínton	1	8
	3	Voleibol	2	9
	8	Fitnessgram		10
	8	Fitnessgram		11
	10	Salto em C.	2	12
	15	Velocidade	3	13
	15	Voleibol	3	14
	17	C. Estafetas	4	15
	22	Voleibol	4	16
	22	Velocidade	5	17
	24	Voleibol	5	18
	29	C. Estafetas	6	19
	29	L. Peso	7	20
31	Salto em C.	8	21	
Novembro	5	Salto em altura	9	22
	5	Voleibol	6	23
	7	Velocidade	10	24
	12	Voleibol	7	25
	12	Voleibol	8	26
	14	Voleibol	9	27
	19	L. Peso	11	28
	19	Salto em C.	12	29
	21	Estafetas	13	30
	26	Prova de orientação		31
	26	Voleibol	10	32
Dezembro	3	Voleibol	11	34
	3	Salto em altura	15	35
	5	Voleibol	12	36
	10	Salto em altura	16	37
	10	Teste		38
	12	Avaliação		39

Mês	Dia	Matéria	Aula	Aula	
			da	la	
			U.D.	nº	
Janeiro	7	Raquetas	2	40	
	7	Raquetas	3	41	
	9	Andebol	2	42	
	14	Raquetas	4	43	
	14	Raquetas	5	44	
	16	Raquetas	6	45	
	21	Raquetas	7	46	
	21	Solo	2	47	
	23	Megasprint		48	
	28	Raquetas	8	49	
	28	Raquetas	9	50	
	30	Megasprint		51	
	Fevereiro	4	Raquetas	10	52
		4	Raquetas	11	53
6		Patinagem	1	54	
11		Dança	1	55	
11		Solo	3	56	
13		Solo	4	57	
18		Andebol	3	58	
18		Andebol	4	59	
20		Megasprint		60	
25		Falta		61	
25		Falta		62	
27		Raquetas	12	63	
Março		6	Solo	5	64
	11	Andebol	5	65	
	11	Solo	6	66	
	13	Andebol	6	67	
	18	Raquetas	13	68	
	18	Raquetas	14	69	
	20	Patinagem	2	70	
	25	Dança	2	71	
	25	Solo	7	72	
Abril	27	Solo	8	73	
	1	Andebol	7	74	
	1	Teste		75	
	3	Auto avaliação		76	

3º Período	Mês	Dia	Matéria	Aul a U.D.	Aul a N°
Abril	22	Patinagem	3	77	
	22	Aparelhos	2	78	
	24	Patinagem	4	79	
	29	Dança	3	80	
	29	Aparelhos	3	81	
Maio	6	Aparelhos	4	82	
	6	Andebol	8	83	
	8	Andebol	9	84	
	13	Patinagem	5	85	
	13	Andebol	10	86	
	15	Patinagem	6	87	
	20	Dança	4	88	
	20	Aparelhos	5	89	
	22	Aparelhos	6	90	
	27	Andebol	11	91	
	27	Dança	5	92	
	29	Andebol	12	93	
Junho	3	Aparelhos	7	94	
	3	Teste		95	
	5	Patinagem	7	96	
	12	Auto avaliação		97	

Unidades didáticas	Período			T. aulas U.D
	1º	2º	3º	
Atletismo	16	---	---	16
Voleibol	12	---	---	12
Raquetas	1	13	---	14
Andebol	1	6	5	12
Ginástica de Solo	1	7	---	8
Ginástica de Aparelhos	1	---	6	7
Dança	---	2	3	5
Patinagem	---	2	5	7
Testes	1	1	1	
Autoavaliação	1	1	1	
Apresentação	2	---	---	
Fitnessgram	2	---	---	
Prova de Orientação	1	---	---	
Faltas	---	2	---	
Megasprint	---	3	---	
TOTAL de aulas por período	39	37	21	

Legenda		
Pavilhão	Ginásio	Exterior

7.2 QUADRO DE EXTENSÃO E SEQUÊNCIA DE CONTEÚDOS

Extensão e Sequência de Conteúdos Planeada							
Data	22-04	24-04	13-05	15-05	03-06	05-06	
Aula	1 e 2	3	4 e 5	6	7 e 8	9	
Conteúdos	Como levantar/Cair	AD	I/E	E	E	E	C/AS
	Posição de Pé	AD	I/E	E	E	E	C/AS
	Marcha	AD	I/E	E	E	E	C/AS
	Patinagem para a Frente	AD	I/E	E	E	E	C/AS
	Curvar com os Patins Paralelos	AD		I/E	E	E	C/AS
	Travagem em “T”	AD		I/E	E	E	C/AS
	Patinagem para a Frene em Curva com cruzamento dos Apoios	AD			I/E	E	C/AS
	Patinar para Trás	AD			I/E	E	C/AS

7.3 PLANO DE AULA

Plano de Aula											
Ano/Turma:		Aula N°:		Data:		Hora:		Duração:		Espaço N°:	
Período:		Unidade Didática:		Aula da UD:		N° Alunos Previstos:		Função Didática:			
Professor Estagiário:		Observações:									
Objetivos da Aula:											
Recursos Materiais:											

Tempo		Tarefa	Condições de realização/Estratégias de organização	Objetivos Comportamentais	Critérios de Êxito	Estilos de Ensino
Parcial	Total					
Parte Inicial						
<p>Realização da presença dos alunos. Criar regras e rotinas. Instrução inicial, apresentando o conteúdo da aulas, efetuando uma revisão dos elementos abordados na aula anterior, e informando sobre os novos elementos. Organizar se necessário, os exercícios da parte fundamental da aula e formar grupos, enquanto os alunos realizam o aquecimento. Efetuar o aquecimento geral/ específico mobilizando as principais articulações a ser usadas ao longo da aula.</p>						
Parte Fundamental						
<p>Apresentar a tarefa e todos os seus elementos, de forma correta, utilizando um discurso coerente, simples e técnico, efetuando a demonstração. Durante a demonstração quando possível usar os alunos como agentes de ensino e reforçando as componentes críticas. Fornecer feedbacks com frequência, vendo se os alunos perceberam as informações transmitidas, caso necessário atribuir novo feedback. Controlar a turma, disciplinando quando necessário e promovendo os comportamentos adequados. Ter uma boa posição no campo que permita observar todos os alunos, intervir à distância e deslocar-se de forma correta.</p>						
Parte Final						
<p>Arrumar o material. Realizar o retorno à calma. Efetuar quando necessário alongamentos. Efetuar uma revisão à matéria abordada ao longo da aula com aplicação do questionamento. Fazer a ponte entre a matéria abordada na aula com a da próxima aula. Motivar os alunos para a aula seguinte.</p>						

7.4 GRELHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA

Nº	Nome	Serviço por baixo	Passe de frente	Manchete	Posição Base/Deslocamentos	Situação de Jogo	Nota Final
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							

Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
Não realiza o elemento, ou realiza sem cumprir as componentes críticas.	Realiza o elemento com muitas dificuldades, efetuando poucas componentes críticas	Realiza o elemento, cumprindo as componentes críticas de forma razoável	Realiza bem o elemento, cumpre as componentes críticas com sucesso	Realiza o elemento muito bem, respeitando todas as componentes críticas.

7.5 GUIÃO ENTREVISTA

(Definição de Indisciplina)

1-Como professor de Educação Física, como defines comportamentos de indisciplina? Um exemplo prático!

2-Sendo uma aula de educação física uma aula onde há mais interação entre os alunos, existem certos comportamentos que são considerados toleráveis?

(Causas da Indisciplina)

3-A motivação dos alunos, tanto a falta dela como a em excesso, pode levar a comportamentos indisciplinados? Exemplo.

4-O meio social onde a escola está inserida, é também um fator que trás indisciplina? Exemplo.

5-A liderança e as competências académicas do professor, como a sua capacidade de organização dos exercícios, é também um dos fatores que influencia o comportamento dos alunos? Exemplo

6-O professor é o elemento mais importante no comportamento dos alunos?

7-O fato de sermos professores estagiários, com pouca experiência, condiciona o comportamento dos alunos?

8-A indisciplina varia também com a idade dos alunos?

(Metodologias de intervenção)

9-Quando comportamentos de indisciplina acontecem que procedimento costumam adotar? Resultam?

10- Com que frequência costumam ocorrer?

11-Iso é portanto uma forma de punir, certo? E de prevenção, que estratégias costumam utilizar? Qual a mais importante?

12- E ignorar comportamentos, costuma ignorar alguns comportamentos?

13- Expulsar os alunos da sala de aula. Achas que não é uma boa estratégia? Qual a que melhor funciona contigo?

14-Com o passar do tempo achas que vai havendo um desleixe, uma despreocupação pela indisciplina?

15-Notas diferenças desde o início do ano na tua turma, se melhorou ou piorou o comportamento?

16-A tua performance a lidar com a indisciplina, achas que estas agora mais capaz de controlar esses casos?

17-Perdes muito tempo da tua aula a gerir situações de indisciplina?

7.6 ENTREVISTA PROFESSOR 1

Sendo tu um professor de educação física, como defines os comportamentos de indisciplina?

É quando os alunos violam as regras da aula, que nós dizemos no início. ¹

Dá-me um exemplo prático, como isso, por exemplo acontece, ou aconteceu nalguma das tuas aulas.

Por exemplo, quando dás uma aula de basquete, sabes que... Os alunos sabem que a bola é para ser jogada com as mãos e chutam a bola. ¹

Sendo uma aula de educação física onde há, essa interação entre os alunos, ou seja, é uma aula diferente de português ou matemática. Achas que existem certos comportamentos que podem ser admitidos e considerados toleráveis na aula?

Acho que sim! ²

Se há um certo limite, eles, por exemplo, podem falar entre eles....

Há um certo limite, por exemplo, numa aula de ginástica, eles podem falar entre eles, desde que não incomodem muito o grupo de trabalho. Acho que... ²

Código	Categoria
1-Definição	Indisciplina
1-Definição	Indisciplina
2-Educação Física	Indisciplina
2-Educação Física	Indisciplina

Pois era isso... A motivação dos alunos, que pode ser tanto boa, como má, pode levar a comportamentos indisciplinados? Imagina, a motivação boa é quando digo, os alunos estão muito motivados a fazer o exercício, querem fazer... Pode se dizer eufóricos. Isso pode ser mau? Pode levar a comportamentos de indisciplina.

Na minha opinião não.

Não?

Eles podem estar entusiasmados com a prática, mas não quer dizer que por isso se portem mal. ³

Por exemplo, como costuma acontecer nas aulas de patinagem, eles gostam, é uma sensação diferente e as vezes começam a levantar mais a voz, a falar mais alto...

Isso não.

E a motivação, pode se dizer má, ou falta motivação, também pode levar a comportamentos de indisciplina?

Não, na minha opinião não. Um aluno pode não estar motivado com aquilo mas não quer dizer que o leve a portar-se mal. ³

O meio social, onde a escola está inserida, afeta o comportamento dos alunos?

Eu penso que, afeta. Porque tem poder económico mais baixo. Penso que afeta os alunos na escola. ⁴

Código	Categoria
3-Desejada	Motivação
4-Meio social	Causas

Notas que tens algum aluno, que se calhar, que esteja, num meio social, que se note... Apesar de estarem todos na mesma escola... mais elevado, que tenha mais posses, que tenha comportamentos diferentes?

Que se comporte um pouco melhor, sim. E a família onde ele está inserido também é um fator importante, porque se os pais não estão separados, acho que a criança tem um comportamento melhor, do que quando os pais estão divorciados. ⁴

Mas neste caso, aqui nesta escola, será um mau comum? Achas que é um mau comum nesta escola, o comportamento. Que se nota que nesta escola, o comportamento seja um dos grandes problemas.

Não, penso que nesta escola existe um comportamento menos bom por parte dos alunos. ⁴

A liderança e as competências académicas do professor, como a sua capacidade de organização dos exercícios também influencia o comportamento dos alunos.

Sim, quando o professor leva uma aula bem preparada penso que isso aí se reflete ao longo das aulas e permite que os alunos não divaguem muito entre eles. Por isso, uma aula bem preparada é melhor para os alunos. ⁵

Um exemplo prático.

Um exemplo prático é quando levas os grupos para a aula num papel e quando no início da aula dizes logo os grupos de aula e não deixar os alunos escolher. ⁵

Então o professor pode ser visto como o elemento mais importante no comportamento dos alunos.

Código	Categoria
4-Meio social	Causas
5-Planeamento	Competências

Sem dúvida que sim.

E será que o fato de nós sermos estagiários, afeta alguma coisa. O fato de não termos se calhar tanta experiência e o fato de eles saberem disso afeta um bocado o comportamento deles?

Eu acho que sim, que pode afetar, que eles sabem que somos professores que estamos a iniciar e não temos tanta experiência como um professor mais velho. Penso que sim.⁶

E achas que os comportamentos de indisciplina estão relacionados com a idade dos alunos? Se os mais velhos são melhor comportados?

Penso que os mais novos são menos bem comportados, tipo ali, aquela idade dos 12, 14 anos, que é a turma do 7ºano praticamente, do que uma turma do 9ºano que são ali os 15, 16 anos. Pá, acho que os mais novos são menos bem comportados.⁷

A boa preparação da aula, a sua organização e diversificação, motivam os alunos e essa motivação previne os comportamentos de indisciplina?

Sim, penso que nós ao longo das aulas, ao fazermos exercícios diferentes leva a que os alunos não saturem e não levem a desmotivação do aluno.⁵

Quanto agora, às metodologias de intervenção. Quando estes comportamentos de indisciplina acontecem na tua turma, como costumam fazer?

Aviso uma duas vezes, se esse comportamento continuar, ou ficam a fazer o relatório de aula, ou vão para a biblioteca.⁸

Código	Categoria
6- Inexperiência	Estagiário
7- Idade	Causas
5- Planeamento	Competências
8-Punição	Estratégias

Com que frequência costuma ocorrer? É comum fazeres isso todas as aulas, ou uma vez por outra?

Não é todas as aulas, é uma vez por outra. Não é todas as aulas, e são mais ou menos, sempre os mesmos alunos.⁹

Costuma resultar, isso? É que se são os mesmo alunos eles voltam a repetir. Ou resulta no momento, resulta para a turma. Não no aluno, mas pode-se refletir no comportamento da turma.

Resulta para a turma, mas para os alunos em questão não resulta muito.¹⁰

Isso é então uma forma de punição. Certo?

Sim.

E de prevenção, costumamos utilizar?

De prevenção costumo falar com eles no início da aula e explicar as regras, os comportamentos que não devem ter, é isso que eu faço.¹¹

E ignorar, costumamos ignorar alguns comportamentos?

Ignoro aqueles comportamentos que, menos graves. Mas aqueles aquele comportamentos mais graves....

¹²

Qual destas metodologias de intervenção, ou seja, a punição e prevenção, qual é que achas que é a mais importante.

Acho que a prevenção é a mais importante.¹¹

Código	Categoria
9-Frequência	Episódios de Gestão
10 -Eficácia	Estratégias
11-Prevenção	Estratégias
12-Ignorar	Estratégias
11-Prevenção	Estratégias

Consideras mandar... já disseste que os mandas para a biblioteca. Já alguma vez os mandas-te para a rua?

Não, ainda não. ¹²

Achas que não é uma boa estratégia?

Eu acho que a melhor estratégia é quando os alunos acabam a aula e ficam os colegas a fazer a aula e eles não a podem fazer. Acho que a melhor estratégia! ¹³

Com o passar do tempo achas que vai havendo alguma desmoralização, ou seja, no início do ano sentimos que a turma era má comportada e tentávamos fazer alguma coisa por isso. Achas que agora consideramos que alguns desses comportamentos vão sendo naturais?

Em alguns alunos acho que sim, que já tentei de tudo e não vale a pena. Agora em outros alunos acho que há sempre alguma coisa a fazer. Mas pronto, em outros não vale a pena fazer. ¹⁴

Mas achas que há uma desmoralização da tua parte? E desinteresse por ele, ou continuas a apertar por ele, digamos.

Continuo a chamar a atenção e apertar com eles em termos de comportamento. ¹⁵

Notas alguma diferença desde o início do ano? No comportamento da tua turma. Melhorou, piorou?

Código	76 Categoria
22- Expulsar	Estratégias
13- Melhor	Estratégias
14-Evolução	Episódios de Gestão
15- Desmoralização	Professor

Melhorou um pouco sim. Em alguns alunos, eu tenho alguns alunos que têm NEE, em relação a esses alunos são os tais alunos que não vale a pena estar sempre a insistir com eles porque eles não mudam. Agora em relação aos outros penso que sim. Penso que houve uma melhoria. ¹⁴

E em relação a tua postura em relação á indisciplina, a tua performance durante a aula, durante este ano letivo. Geres melhor estas situações.

Eu giro melhor por que são... Eu durante as várias aulas, ao início da aula, eu peço sempre aos alunos para se comportarem bem e se houver algum caso de indisciplina eles acabam a aula mais cedo. ¹⁶

O fato de conheceres melhor agora os alunos é uma mais-valia, certo?

Sim.

Consegues prever de onde os comportamentos de indisciplina podem surgir.

Sim.

Costumas perder muito tempo com episódios de gestão?

Sim, pá sim. Perco muito tempo da aula a resolver problemas de indisciplina. ¹⁷

Código	Categoria
14-Evolução	Episódios de Gestão
16-Experiência	Estagiário
17- Tempo perdido	Episódios de Gestão

7.7 ENTREVISTA PROFESSOR 2

Como professor de educação física, como defines comportamentos de indisciplina?

São todos os comportamentos...

Tu até és bom nisto e tudo, tens esse paleio.

Comportamentos de indisciplina são... Comportamentos de indisciplina?

Sim!

São todos os comportamentos que de uma forma ou de outra, inibem o bom funcionamento da aula.¹

Dá-me um exemplo prático disso.

Comportamentos de indisciplina são todas as atitudes que os alunos tomam que captam a atenção dos outros alunos, que existe um clima de concentração... São comportamentos que possam causar desrespeito ao professor. Comportamentos também que possam causar comportamentos violentos com outros alunos, tanto físico como psicológico. Penso que são todos esses tipos de comportamentos.¹

Mas uma situação que já te tenha acontecido na prática mesmo. Um exemplo prático, é quando um aluno...

Isso acontece em todas as aulas, com todos os professores, em todas as escolas praticamente.¹⁸ Uma simples conversa para o lado é um comportamento de indisciplina.¹

Código	78 Categoria
1-Definição	Indisciplina
18-Frequência	Episódio de Gestão
1-Definição	Indisciplina

Muitas das vezes tem que se ver o contexto, por exemplo, em certas situação da aula, uma conversa para o lado, pode ser uma falta de desrespeito enorme, por exemplo, quando o professor está a querer falar para a turma. ¹ Como quando durante um exercício existe um tempo de espera, uma conversa para o lado é algo inevitável, que nos devemos saber lidar. Temos de ver o contexto onde está inserido. ²

Pois é isso. Uma aula de educação física tem muita interação entre os alunos e alguns comportamentos que as vezes são toleráveis, não é? Existem certos limites.

Sim, nós. Penso que de uma maneira geral os professores e os alunos sentem que a aula de Educação física é uma escapatória normal do dia de aulas, que é um dia desgastante. Nos sabemos que os alunos entram, por vezes, as 8 ou 8 e 30 e só saem às 5. E são disciplinas que exigem muita concentração, muita atenção. E cabe a nós, professores de educação física fazer com que a aula seja um escape, e uma maneira de os alunos, muitas vezes, até libertarem a energia e pronto... Libertarem algum stress. ²

Isso é bom ou mau para nós? Como professores.

Cabe ao professor fazer esse... Tentar que exista esse clima. Muitas vezes, a gente sabe que em certas idades os alunos ainda não têm a noção para distinguir o que é uma aula dinâmica e muitas vezes com exercícios divertidos e de espírito de grupo, muitas das vezes os alunos não conseguem diferenciar isso da brincadeira do intervalo e pensam que muitas vezes, ainda estão no intervalo e isso é prejudicial para o professor. Cabe ao professor fazer a distinção e trazer os alunos à razão. ⁷ Mas penso que no fundo, até acaba por ser benéfico que a aula seja assim. Penso que é um dos sentidos da educação física.

Código	Categoria
1-Definição	Indisciplina
2- Educação F.	Indisciplina
7- Idade	Causas

Olha, a motivação dos alunos, tanto a boa como a má, pode levar a comportamentos indisciplinados. Imagina, as vezes, a motivação boa, quando eles estão eufóricos.

Os alunos demasiado motivados é o que nós pretendemos e que... e é pelo que nós lutámos todas as aulas,³ mas penso que muitas vezes a competição e a personalidade de cada um, e o espírito competitivo leva a que haja comportamentos de indisciplina. Querer ganhar, não aceitar a derrota, não aceitar o golo. Faz tudo parte dos desporto, não só das aulas de educação física mas de todo o desporto, quer na formação quer a nível competitivo, assistimos a esses casos e professor o que tem que fazer é não deixar passar em branco esses casos.

E quando é a falta de motivação...

A falta de motivação também é recorrente nas aulas, principalmente em alunos que muitas vezes não têm aptidão para a disciplina e muitas vezes em alunos que têm muita aptidão e sentem que a turma e a aula não estimula o suficiente. E aí sim, causa bastante... Um clima de indisciplina, são alunos que ao não estarem empenhados na tarefa vão estar empenhados noutra coisa qualquer, que certamente são coisas que distraem.¹⁹

Prejudicial

E o meio social onde a escola está inserida, achas que influencia a disciplina?

Penso que é fundamental. A indisciplina não tem apenas uma razão, não é pelo meio ser, por exemplo, de socioeconómico baixo que existe indisciplina. Han... A turma é muito grande, existe indisciplina...

Código	Categoria
3- Desejada	Motivação
19- Indesejada	Motivação
19 - Indesejada	Motivação

O professor é muito liberal, existe indisciplina. Penso que não existe um fator, existe a conjugação de vários fatores que leva a indisciplina, e muitas vezes também... Outro fator é por exemplo, as horas da aula ou o stress dos alunos, um teste antes, um teste depois. Um atrito que tenha existido no intervalo.²⁰

Mas neste caso, na situação desta escola, achas que é um dos principais, ou é comum em todas as outras...

Penso que este meio é semelhantes a grande parte do país e penso que a indisciplina neste caso surge pelo meio envolvente. Acho que sim, mas penso que todos os fatores contribuem. Depois cabe ao professor... Há fatores que o professor não pode controlar como o meio socioeconómico onde estão inseridos, as condições familiares o professor não pode atuar.⁴ Depois, tudo o resto, o número de elementos da turma, o... Mesmo a modalidade que o professor dá contribui para a indisciplina. Isso são fatores que o professor pode controlar, o meio em que a escola está inserida o professor não pode controlar e tem que, tem que minimizar...²⁰

Então a liderança e as competências académicas do professor podem... A maneira como ele organiza os exercícios influencia também o comportamento dos alunos.

Sim, sim... O professor quando faz o seu planeamento tem que ter em conta, e como nós temos em conta. Nós no plano de aula colocamos uma secção sobre atitudes e valores, objetivos comportamentais e é nesse sentido que nos devemos ter em atenção e o professor deve planear previamente... Nem sempre acontece como planeado mas deve planear previamente como planeia o exercício e os feedbacks que vai dar, deve também planear o modo como há de agir perante as situações que vão acontecendo. Muitas das

Código	Categoria
20- Diversos Fatores	Causas
4- Meio Social	Causas
20- Diversos Fatores	Causas
5- Planeamento	Competências

situações⁵ são esporádicas são espontâneas. Por exemplo, um aluno que tem uma atitude, um dia, está revoltado e tem uma atitude, sei lá, agride outro ou desrespeita o professor, são atitudes que o professor não planeia, porque não são recorrentes, são esporádicas e que o professor na altura tem que reagir e tem que tomar uma decisão. Agora por exemplo, a conversa de fundo, a conversa entre os alunos, penso que isso é uma coisa que todos os professores sabem que existe e é uma coisa recorrente. O professor tem de planear os seus exercícios e a sua aula de forma a conseguir evitar que isso aconteça, penso que aí o professor deve planear.⁵

Mesmo na gestão do tempo entre os exercícios e isso...

Sim, minimizar o tempo de perdido em episódios de gestão, potenciar prática que a gente sabe que os alunos quando estão envolvidos na prática e estão motivados a gostar do que fazem estão... diminuem os comportamentos inapropriados, evitar os tempos de espera, muitos alunos nas chamadas filas, evitar falar, fazer preleções muito prolongadas, ser mais objetivo, a gente sabe que os alunos muito tempo parados a ouvir... os alunos estão na educação física querem correr, querem jogar e muito tempo a falar já sabemos que vão existir comportamentos inapropriados.²¹

Será que o fato de sermos professores estagiários, com pouca experiência condiciona também o comportamento dos alunos?

Penso que sim. Penso que... Pelo facto. Eu acho que depende também da forma como são... Como o Núcleo de estágio e o orientador lida com os alunos. No caso da nossa escola penso que o orientador nos deu a distância necessária para os alunos sentirem que a autoridade somos nós e não ele. Humm, penso que isso é fundamental. Mas penso que o fato de sermos estagiários e os alunos sentirem isso têm

Código	Categoria
5-Planeamento	Competências
21-Realização	Competências

tendência a como se diz na gíria, “esticar a corda” até verem onde vai a atitude do professor estagiário e penso que ai nos devemos adequar no sentido não mostrarmos que somos professores estagiários mas que somos professores. Mas penso que também aliado ao professor estagiário é a idade, ao verem professores com uma idade um pouco mais jovem, mais próxima da idade deles penso que também é um motivo para se suceder o que eu acabei de afirmar.

Mas então condiciona negativamente, não é? Trazendo um bocadinho mais de indisciplina.

Sim.

E a idade dos alunos também influencia?

Sim, sim. Penso que cada faixa etária tem as suas vantagens e desvantagens, penso que é normal. Penso que, mais uma vez cabe ao professor saber lidar com cada faixa etária, mas penso que as faixas etárias, isto é a minha opinião pessoal, penso que as faixas etárias, mais jovens, mais 5º 6º 7º conseguem sentir mais a autoridade do professor, devido ao fato de também serem muito jovens e sentirem o medo do professor. Enquanto que as faixas etárias mais elevadas não sentem tanto essa autoridade mas devido ao fato de estarem mais maduros também não sentem tanto a necessidade de expandir nas suas brincadeiras e armarem se em engraçadinhos, é nesse sentido. Até penso que as faixas que são mais problemáticas, situa-se perto do 8º, depende muito das turmas, alguns 7º alguns 9º, são as faixas mais problemáticas. Mas isto é a minha opinião pessoal e penso que seja relativo, penso que as outras faixas etárias também têm outro tipo de problema, e outro tipo de comportamentos.⁷

Código	Categoria
6- Inexperiência	Estagiário
7-Idade	Causas

Quanto às metodologias de intervenção. Quanto estes comportamentos de indisciplina acontecem, o que é que costumam fazer. Que procedimentos costumam adotar?

Penso que não existe, na minha opinião não existe nenhum procedimento para cada tipo de atitude. Eu acho que devemos ver a atitude num determinado contexto, cada dia é diferente, cada momento é diferente.¹³ E uma coisa que eu não se se está bem, pode não ser correto, mas acho que o espírito do professor também é diferente a cada dia e por mais que sejamos justos nem todos os dias está-mos predispostos. Penso que, nesse contexto há que diferenciar o que são atitudes de falta de respeito e falta para com o professor, ou outro colega, ou a escola e o material, para com o auxiliar de educação, penso que nessa situação a minha atitude vai pela punição de ficar sentado durante um determinado tempo de aula ou em casos mais graves como falta de respeito, falta de educação, o ser expulso da sala de aula. Mas como eu disse depende muito se é um aluno frequente, se é um aluno que é a primeira vez que tem esse tipo de atitude, penso que os outros tipos de atitude que passam pela conversa típica entre os alunos, falar alto, o sussurrar o não... Não fazer a tarefa que o professor próprios, penso que isso tudo eu uso isso como uma estratégia para fazer ver aos restantes alunos que está errado e como é logico sanciona esse aluno. Penso que atitude mais punitiva é a falta de respeito. Nenhuma atitude é tolerável mas nesse caso não deve ser dada nenhum tipo de chance ao aluno.¹³

E esse procedimento costuma resultar?

Penso que também, mais uma vez, depende de aluno para alunos, depende do contexto. Deparamos-mos com alunos que o ser expulso, uma falta disciplinar para eles é muito grave e nota-se na cara de eles que

Código	Categoria
14-Evolução	Episódios de Gestão
13-Melhor	Estratégia
10- Eficácia	Estratégias

ficam preocupados, pela reação dos pais em casa, ficam amedrontados e serve para o propósito que nos queremos que é não voltar a repetir, como há alunos que se calhar pelo seu histórico escolar, não lhes interessa, ter uma falta ou não ter é lhes indiferente.¹⁰

E com que frequência costuma ocorrer durante as aulas?

Dependente do meio socioeconómico onde se está inserido, mas eu penso que em todos as aulas qualquer professor se depara com uma situação que não lhe agrada, seja uma situação grave de falta de disciplina e falta de respeito ou a mais comum, não deixa de ser grave, uma conversa paralela na aula.⁹ Penso que em todas as aulas existem atitudes negativas, felizmente penso que, casos graves, existem de forma pontual, com alunos a repetir essas ação que foram prontamente sancionadas que tanto serviu de exemplo para esse aluno como para os outros.⁸

Isso é portanto uma forma de punição, e de prevenção?

Sim, eu não gosto da palavra punição, mas de forma a esse comportamento não se repetir, tem de ser punido ou sancionado. Pode se chamar punição.⁸

Sim, é uma metodologia de intervenção, como há de prevenção, costumam utilizar?

Sim, penso que o provérbio diz tudo: “é melhor prevenir que remediar” eu penso que toda a planificação do professor vai de encontro ao evitar ao máximo que esse tipo de atitudes surjam. Tanto pela disposição espacial, tanto pelo tempo de exercitação e o tempo de espera, tanto pelas modalidades, estilo de exercício, pelos feedbacks que dá-mos, tudo que o professor planeia, planeia de forma e evitar esse tipo

Código	Categoria
10-Eficácia	Estratégias
9-Frequência	Episódios de Gestão
8-Punição	Estratégias
11-Prevenção	Estratégias

de atitudes, e mesmo durante a aula, durante a parte da realização, muitas vezes o que nós planeamos, só pode ir até certo ponto, cada dia e cada aula é diferente e mesmo durante a aula com os alunos mais agitados costuma parar a aula acalmar os alunos, se encontra um foco de destabilização, em alguns alunos em alguns alunos se para-los nas equipas, manda-los sentar. Penso que o professor está constantemente a prevenir, ou deveria estar e penso que, que é o fator chave para que essas atitudes existam cada vez menos e sejam minimizadas. ¹¹

E ignorar alguns comportamentos?

Penso que isso é a pior atitude que um professor pode ter, aquando da sua intervenção, porque ao ignorar esse tipo de comportamentos sentem que não foram punidos e sentem que se pode tornar uma ação normal, podem repetir, e vão repetir de certeza porque está nos seus genes, porque se o professor que é a autoridade máxima da aula, não adverte para uma determinada situação que viu. Como é ignorar, parte do princípio que viu, penso que é a pior coisa que um professor pode fazer. ¹²

Já disseste que costumás, já aconteceu, mandar alguns para a rua. É uma das estratégias que utilizas, já disseste. Costumas utilizar outras, que funcionem melhor do que esta?

Penso que cada estratégia, mandar o aluno para a rua, não defino como uma estratégia, é como um recurso. Nenhum professor tem prazer em mandar um aluno para a rua, e penso que as ações do professor vão muito do contexto. Nunca nenhum aluno meu foi para a rua porque num dia estava mais agitado e falou de mais, não é isso. São alunos que recorrentemente estragam o bom funcionamento da aula e que depois de utilizadas todas as estratégias pedagógicas para impedir que ele continue a estragar o ambiente de aula,

Código	Categoria
11-Prevenção	Estratégias
12-Ignorar	Estratégias
22-Expulsar	Estratégias

então tomasse essa atitude mais drástica, em prol da turma, para que possa haver um processo de ensino aprendizagem.²²

Mas dá-me um exemplo prático de outra que costumes utilizar.

Qualquer, e eu acho que desde que a aula começa até que a aula acabe o professor está sempre a adaptar-se ao ritmo da aula e como por exemplo falar mais alto quando os alunos estão a elevar o tom de voz, por outras vezes o professor opta por calar-se e esperar que os alunos percebam que se tem de calar para depois ele falar. Muitas vezes o fato de olhar par o aluno de uma forma mais agressiva, como a punir a sua atitude, não é preciso falar, o aluno sente que está a fazer mal e pára. Penso que o professor ao longo dos 45 ou 90 minutos está sempre a adaptar.se ao aluo e está a sempre a utilizar estratégias que impeçam atitudes menos positivas.¹⁴

Como o passar do tempo achas que vai havendo uma despreocupação, nossa, com a indisciplina? No nosso caso, achas que no início do ano te preocupavas muto mais com a indisciplina e achas que perdeste demasiado tempo com isso e se calhar não adianta assim tanto porque soa mesmo assim.

Penso que a preocupação é a mesma do início do ano. Penso é que no início do ano havia um, como já foi dito, por sermos estagiários tínhamos um certo receio de como controlar a turma. Penso que todos os estagiários passaram por esse sentimento de receio, de saber se és capaz de controlar o ambiente da turma. Porque o ambiente de turma é o fundamental para o professor puder implementar as suas estratégias de ensino, para que os seus exercícios corram de uma forma adequada, para que consigam ensinar, corrigir, para que os alunos consigam evoluir, para que um determinado exercício tenha sucesso. E penso que nesse sentido houve um esforço muito grande por parte dos estagiários de forma a intervir nesse campo, para

Código	Categoria
14-Melhor	Estratégias
15-Desmoralização	Professor

que todo o outro processo, de aprendizagem, de fazer exercícios mais dinâmicos, o clima de gestão da disciplina, para que tudo pudesse correr bem atacar esse campo, penso que agora é a mesma.¹⁵

Notas diferença deste o inicio do ano no comportamento da tua turma, a tua turma melhorou, piorou?

Eu penso que sim, que o comportamento em si melhorou e existe uma coisa que também... que são as rotinas, enquanto no inicio do ano os alunos têm de se adaptar ao método de ensino do professor, a transição de exercícios, como tu também percebes que no inicio do ano ao fazeres uma mera transição entre exercício eram 5 minutos de paragem de troca de coletes, de tem que ir para aqui e para a cola, e isso proporcionava atitudes negativas, claramente. É tempo de espera, é tempo que os alunos não estão a praticar, é tempo que as atitudes negativas vem ao de cima. Penso que com o passar do tempo as rotinas promoveram... As rotinas aliadas a tal não ignorar os casos negativos do professor, o professor sempre em cima das atitudes negativas com a tal sancionarão promoveram um melhor comportamento da turma.¹⁴

E quanto à tua performance, quanto... A nível dos casos de indisciplina, achas que estas melhor a gerir estas situações?

Penso que sim, penso que é normal. O professor estagiários quando se depara pela primeira vez em frente a uma turma. Certamente terás a mesma opinião que eu, que será que este tipo de comportamento requer sentar, requer ir para a rua, requer uma palavra, requer que no final da aula eu fale com o aluno? Penso que foram tudo situações por que todos nos passamos e que agora estão esclarecidas e penso que mais rapidamente, por conhecermos melhor os alunos, mais rapidamente o professor atua, de forma rápida e

Código	Categoria
14-Evolução	Episódios de Gestão
16-Experiência	Estagiário

antes de, como falaste abocado de prevenir, ao conhecer a turma é muito mais fácil eliminar os focos que destabilizam a turma e deste modo a minha performance está melhor.¹⁶

Para terminar, costumam perder muito tempo a gerir as situações de indisciplina?

Penso que não, penso que. Não acho que não, não demoro muito tempo, até porque perder demasiado tempo com essa situação é tempo que gera indisciplina por parte dos restantes alunos. Penso que as situações de indisciplina devem ser rapidamente resolvidas de forma a minimizar os estragos na restante turma.¹⁷

Código	Categoria
17-Tempo perdido	Episódios de Gestão

7.8 ENTREVISTA PROFESSOR 3

Olha para começar! Como professor de Educação Física, como defines comportamentos de indisciplina?

Como assim indisciplina? O que são para mim comportamentos de indisciplina?

Sim, o que são para ti comportamentos de indisciplina?

Hum... portanto, não respeitar aquilo que é exigido pelo professor, ou aquilo que é definido como regra, como rotina de aula. Obviamente faltas de respeito. Hum...¹

Um exemplo prático são as faltas de respeito, não é?

Sim, faltas de respeito para com os colegas, para com o professor.¹

E... Sendo uma aula de educação física uma aula onde há mais interação entre os alunos, existem certos comportamentos que são considerados toleráveis?

Sim, existem certos comportamentos, ou pequenas brincadeiras, pequenas interações...²

Algumas conversas...

Código	Categoria
1-Definição	Indisciplina
2-Educação Física	Indisciplina

Sim, conversas. Tudo que seja dentro do... que não ultrapasse, não seja excessivo. Até pode ser benéfico. Desde que haja um bom ambiente e que haja entreaajuda é benéfico. Obviamente se ultrapassarem os limites e que possa desencadear outro tipo de situações, obviamente que é preciso intervir. ²

Achas que a motivação pode levar a comportamentos indisciplinares?

A motivação?

Sim, os alunos estarem motivados e excederem-se um bocado. Se achas que a motivação é uma coisa boa ou se as vezes também pode ser má e trazer indisciplina.

Eu acho que a motivação em si, acho que é bom, pode haver é um excesso de competição por parte dos alunos, se calhar ai é mais pela competição que pela motivação. Porque o que leva a que o aluno se exceda normalmente é o ser bastante competitivo o querer ganhar.¹⁹ A motivação penso que é benéfica, porque se o aluno estiver motivado quer é aprender, até quer que os outros estejam calados.

E a falta de motivação?

Falta de motivação sim....

Pode levar a indisciplina?

Sim!

Um exemplo prático.

Código	Categoria
2-Educação Física	Indisciplina
19-Indesejada	Motivação
3-Desejada	Motivação

Quem não está motivado para as aulas acaba por não se empenhar, por ter conversas paralelas comportamentos desviantes, portanto e isso leva a que não respeitem a aquilo que o professor pede, que é exigido, portanto penso que sim.³

E o meio social onde a escola está inserida, achas que é também um fator que tras indisciplina. Achas que o meio social, que...

Sim, é um meio social que não sua maioria baixo, naquela região e portanto... Vem desde o interesse dos pais sobre o desenvolvimento dos alunos na escola. Até mesmo os alunos não valorizarem, se calhar, tanto a escola, isso leva a que... pronto, lá está, como na motivação das aulas, não havendo motivação, não havendo interesse os alunos acabam por ter comportamentos desviantes. Por tanto um extrato económico-social baixo penso que também é um fator de indisciplina.⁴

E a liderança e as competências académicas do professor... A sua capacidade de organização dos exercícios e... Achas que também influencia o comportamento?

Sim, claro que sim. Obviamente que por experiência própria noutras situações, há turmas que são muito complicadas e por mais estratégias que o professor vá arranjar, há situações que são mesmo muito complicadas.¹⁰ Mas por exemplo, relativamente aos exercícios, o professor deve procurar manter os alunos mais em atividade possível sem grandes momentos de paragem que possam promover desenvolvimento de brincadeiras e comportamentos inadequados. Portanto na parte da estrutura da aula, obviamente que o professor tem um papel importante, mas as vezes há situações que por mais estratégias que se vá arranjar é mesmo complicado.²¹

Código	Categoria
3-Desejada	Motivação
4-Meio Social	Causas
10-Eficácia	Estratégias
21-Realização	Competências

Então mas não achas que o professor é o elemento mais importante no comportamento dos alunos? Qual é que achas que é o maior fator de todos? Será o tal meio social, será o professor?

Não acho que o professor seja o que tem o papel principal, que ele seja a razão, tem um papel importante na organização da aula para que isso acontece, mas...²¹ e obviamente de tentar motivar os alunos para a aula, mas se calhar já vem muita coisa de trás desde casa, desde contingente da crise, condições baixas socio económicas. Portanto o professor nunca pode ser a causa de todos os males.²⁰

Mas achas que o facto de sermos professores estagiários influencia alguma coisa, por não termos, se calhar muita experiência eles sentem um bocadinho isso, não?

Acredito que numa primeira fase eles tentem esticar um bocado mais a corda e verem até onde nós os deixamos ir, mas tenho a certeza que conseguimos impor as nossas regras e as nossas estratégias e que... Não acho que tenha sido por aí, que tenha havido os comportamentos que houve, e a indisciplina que houve.⁶

Nas tuas aulas quando houve alguns comportamentos de indisciplina acontecem que procedimento costumavas adotar.

É assim, não tive nenhum caso excessivo, nem grande que fosse necessário por algum na rua, quando houve... Quando passam um bocado os limites mandei sentar e não faziam a aula ou parte da aula e no final falei com os alunos para eles perceberem que tinham errado e tento fazê-los perceber para não se¹³ voltar a repetir. E foi suficiente para as situações que houve, nunca tive necessidade de ir mais além do que isso.¹³

Código	Categoria
21-Realização	Competências
20-Diversos Fatores	Causas
6-Inexperiência	Estagiário
13-Melhor	Estratégias

Então e essa estratégia resultou?

No caso desta turma e dos alunos em questão sim.

E com que frequência é que isso costuma acontecer, mandares sentar o aluno?

É pouco!⁹

É pouco?

Muito raro.⁹

Isso é portanto um forma de punir, certo?

Sim é uma forma de punir.

E de prevenção, costumam utilizar alguma estratégia?

Costumo, sim. Por exemplo a nível de organização dos grupos e de estrutura da aula. Mais a nível de grupos, quando é preciso trabalhar em grupos, que jogam em equipas, tento separar alunos que sei que se estiverem juntos vão estar a conversar ou vão estar na palhaçada. Portanto, normalmente tenho esse cuidado a nível de formação de grupos, tirando isso é não deixa-los estar muito tempo parados que dá aso a que eles comecem a conversar e comecem...¹¹

E ignorar comportamentos, costuma ignorar alguns comportamentos?

Código	Categoria
13-Melhor	Estratégias
9-Frequência	Episódios de Gestão
11-Prevenção	Estratégias

Sim, há situações em que, sei lá... em que foi assim um caso excepcional ou que sei lá, basta olhar e já uma chamada de atenção. Lá está quando não são situações assim graves a ponto de estar sempre necessário chamar a atenção.¹²

Qual é que achas que destas é a mais importante, a prevenção, a punição?

Eu penso que a prevenção é sempre importante, principalmente numa primeira fase quando sabemos já como é que os alunos se dão em grupo. E como reagem em grupo, acho que é muito importante e é a primeira forma que nós temos de evitar esse tipo de situações de indisciplina, obviamente que senão for suficiente a punição terá que ser posta em prática.¹¹

Já falaste, que tipo, não costumavas mandar alunos para a rua, achas que não é uma boa estratégia?

Acho que é uma boa estratégia, em caso já mesmo mais extremos, como não tive assim nenhuma situação particularmente grave o suficiente não o fiz, mas acho que é uma boa estratégia.²²

Com o passar do tempo achas que vai havendo um desleixe um bocado pela indisciplina, do que no início do ano.

Por parte do professor?

Sim.

Sim acho que tendencialmente no início a preocupação do professor prende-se com a criação de rotinas da aula e regras, e depois chega a um tempo que as coisas, supostamente já estão mais encaminhadas e

Código	Categoria
12-Ignorar	Estratégias
11-Prevenção	Estratégias
22-Expulsar	Estratégias

mais automatizadas e então é normal que o professor não se foque tanto nesse aspeto. É óbvio que o professor tem que estar com atenção a isso mas é normal que não seja o seu foco de atenção.¹¹

Notas diferenças desde o início do ano na tua turma, se melhorou se piorou o comportamento?

O caso da minha turma eu acho que melhorou. Pronto, há sempre aquelas conversas paralelas e pequenas brincadeiras, mas tenho casos de alunos que sim, foi notório que melhoraram.¹⁴

E a tua performance neste... na indisciplina, achas que estas agora mais capaz de controlar esses casos. Se ganhas-te alguma experiencia.

Sim eu acho que sim, com o passar do tempo nós vamos também estar a mais à vontade e mais seguros e isso também nos permite ter mais facilidade de lidar com esse tipo de situações. Eu acho que sim.¹⁶

Perdes muito tempo da tua aula a gerir situações de indisciplina?

Não, já perdi mais tempo do que o que perco agora.¹⁷

É uma coisa mais rápida agora não é?

Sim.

Achas que a indisciplina varia também com a idade dos alunos?

Bem, é normal que os alunos mais velhos não tenham tanta indisciplina, vimos o caso da homem cristo.

Mas o contexto também influencia.⁷

Código	Categoria
11-Prevenção	Estratégias
14-Evolução	Episódios de Gestão
16-Experiência	Estagiário
17-Tempo perdido	Episódios de Gestão
7-Idade	Causas

7.9 CONTAGEM DOS CÓDIGOS

Tema	Categorias	Códigos	Professor 1	Professor 2	Professor 3
Indisciplina	Indisciplina	Definição	2	3	1
		Educação Física	2	1	2
	Motivação	Deseja	1	1	2
		Indesejada	0	2	1
	Causas	Meio Social	2	1	1
		Idade	1	2	1
		Diversos Fatores	0	2	1
Professor	Competências	Planeamento	2	2	0
		Realização	0	1	2
	Estagiário	Inexperiência	1	1	1
		Experiência	1	1	1
	Estratégias	Punição	1	1	0
		Eficácia	1	2	1
		Prevenção	2	2	3
		Ignorar	1	1	1
		Expulsar	1	1	1
		Melhor	1	2	2
	Desmoralização		1	1	0
	Episódios de Gestão	Frequência	1	2	1
		Evolução	2	2	1
Tempo Perdido		1	1	1	